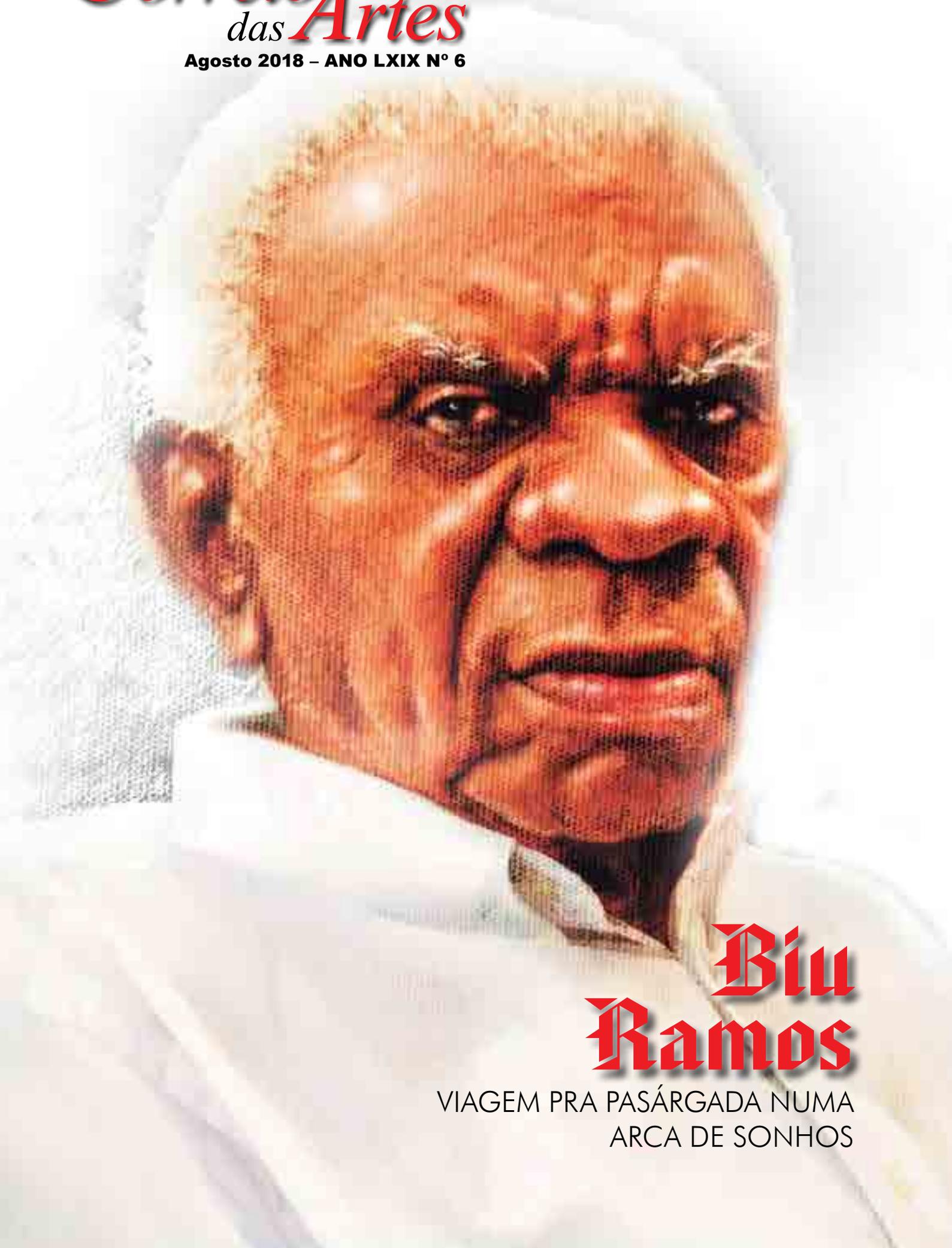


# Correio das Artes

Agosto 2018 – ANO LXIX Nº 6



## Biu Ramos

VIAGEM PRA PASÁRGADA NUMA  
ARCA DE SONHOS



## Um ícone

Para uns, ele era uma “escola de jornalismo”, cujas portas fecharam com o seu falecimento, no dia 28 de julho deste ano, aos 79 anos. Para outros, com ele, a velha Felipéia de Nossa Senhora das Neves ganhou o seu primeiro prosador literário, “tese” defendida, por exemplo, pelo crítico de literatura Hildeberto Barbosa Filho.

O fato é que o jornalista e escritor paraibano Severino Ramos Pedro da Silva, ou simplesmente Biu Ramos, como era conhecido pela população, marcou época. Dono de uma personalidade que reunia talento, coragem e perspicácia, entre outros atributos, fez-se admirado por muitos e temido por alguns. Não era de dar mole.

Biu deu um testemunho de seu tempo por meio de uma intensa atividade jornalística, que inclui os vários perfis biográficos, as crônicas e livros-reportagens que escreveu. Sua verve o tornou

**Biu deu um testemunho de seu tempo por meio de uma intensa atividade jornalística, que inclui os vários perfis biográficos, as crônicas e livros-reportagens que escreveu.**

uma espécie de ícone da boemia pessoense das décadas de 50 e 60, imagem que ele jamais deixou esmaecer.

Admirador de Carlos Lacerda, no campo jornalístico, de Manuel Bandeira, na seara poética, e Cartola, no pla-

no musical – só para ficar nos exemplos -, Biu transformava o que lia e ouvia em matéria-prima de textos e dos alegres bate-papos com os amigos, no mais das vezes em torno de uma mesa de bar.

Biu, no entanto, não era servil, tampouco acomodado. Se, por um lado, fazia os amigos rirem com suas tiradas inteligentes e bem-humoradas, por outro fazia tremer nas bases os inimigos – geralmente figurões dos altos escalões políticos e econômicos, envolvidos em crimes que abalavam a Paraíba.

Sim, porque a pena investigativa do repórter Biu era implacável, e que ele sempre colocou a serviço da luta contra a impunidade. Alguma linha torta deve ter escapado ao zeloso revisor. Biu era humano. Provocado, ia, nos limites da palavra, até as últimas consequências. Aposentado, já fazia muita falta.

O Editor

## índice



4

### MEMÓRIA

Vida e obra do jornalista e escritor Biu Ramos (1938-2018) é tema de reportagem assinada pelo jornalista Alexandre Nunes.



22

### POESIA

Poemas de Joaquim Branco e de Carlos Alberto Jales, ilustrados por Tônio (pág 24), são os destaques da seção "Poesia".



23

### CRÔNICA

"Prado", do goiano Salomão Sousa, e "Girassóis" (pág 36), da sul-mato-grossense Raquel Naveira, ilustram a seção "Crônica".



38

### CONTO

"Crepúsculo", de Paulo Melo, e "Amizade" (pág 41), de Emanuel Medeiros, ilustrados por Domingos Sávio, representam o gênero na seção "Conto".



O *Correio das Artes* é um suplemento mensal do jornal **A UNIÃO** e não pode ser vendido separadamente.

A União Superintendência de Imprensa e Editora  
BR-101 - Km 3 - CEP 58.082-010 - Distrito Industrial - João Pessoa - PB  
PABX: (083) 3218-6500 - FAX: 3218-6510  
Redação: 3218-6509/9903-8071  
ISSN 1984-7335  
editor.correiodasartes@gmail.com  
http://www.auniao.pb.gov.br

Secretário Est. de Comunicação Institucional  
Luís Torres

Superintendente  
Albigeo Fernandes

Diretor Administrativo  
Murillo Padilha  
Câmara Neto

Diretor de Operações  
Gilson Renato

Editor Geral  
Jorge Rezende

Editora Adjunta  
Renata Ferreira

Editor do Correio das Artes  
William Costa

Supervisor Gráfico  
Paulo Sérgio de Azevedo

Editoração  
Paulo Sérgio de Azevedo

Arte da capa  
Domingos Sávio (sobre foto de Antônio David)

Ilustrações e artes  
Domingos Sávio, Tônio, Manuel Dantas Suassuna



# Biu Ramos

A FORÇA DA VONTADE, O  
PODER DA VOCAÇÃO

Alexandre Nunes  
alexandrenunes.nunes@gmail.com



jornalista Biu Ramos, que já mora em Pasárgada, o lugar de sonhos de Manuel Bandeira, como afirma Alarico Correia Neto, estaria agora com 80 anos, se não tivesse deixado o orbe no último dia 28 de julho. O jornalismo era uma vocação irreprimível, uma vocação natural, e Biu só queria uma coisa na vida: ser jornalista.

Severino Ramos Pedro da Silva foi o primeiro jornalista negro da Paraíba. Ele enfrentou e venceu uma selva densa, mas conseguiu transpor todas as barreiras, inclusive as do preconceito, para encontrar seu espaço na vida e na sociedade, e isso armado apenas da vontade e de uma inteligência extraordinária, como um dia afirmou o poeta e jornalista Marcos Tavares.

Biu Ramos nasceu no dia 19 de agosto de 1938, na Usina São João, município de Santa Rita, Paraíba, no seio de uma família humilde. Seu pai era operário e morador da usina e sua mãe era parteira. Biu foi um menino pobre que conseguiu superar a vida simples nos canaviais para alcançar as mais importantes posições na vida intelectual, política, social e administrativa da Paraíba.

Ele, que só conseguiu sair do eito dos canaviais para dar continuidade aos estudos na Capital, graças ao dono da Usina São João, Odilon Ribeiro Coutinho, que decidiu bancar os estudos do rapaz, que se formou em Direito, foi procurador do Estado, secretário de Estado da Cultura, superintendente do Jornal **A União** e diretor da Rádio Tabajara, correspondente do *Jornal do Brasil*, *Folha de S. Paulo*, *Veja* e *Fatos e Fotos*, entre outros veículos da imprensa nacional.

Certa feita, Madalena Alves, que depois foi vereadora de João Pessoa, esteve na Usina São João para fazer um trabalho com a juventude local, levada pelo proprietário da fábrica, Odilon Ribeiro Coutinho. Na época, Biu Ramos era um menino de 13 anos, muito ativo e buliçoso. Ele, que estava em todas, ficava acompanhando Madalena e participando dos eventos. Um desses eventos foi assistido por Odilon Ribeiro, que ficou impressionado com a espontaneidade e performance de Biu, como cerimonialista de um Auto de Natal, apresentado por um coral de jovens da usina.

Quatro dias depois, Odilon chamou o pai de Biu e perguntou se o menino estava estudando. Ele respondeu que não, pois na localidade não havia mais estudo para Biu, que teria que estudar o secundário em João Pessoa e ele, o pai, tão teria condições para pagar as passagens, todos os dias, para Biu estudar na Capital. Odilon Ribeiro disse ao pai de Biu que, a partir daquele dia, os estudos do jovem seriam por sua conta. Com a bolsa de estudos,

Biu passou a estudar na Escola Industrial e depois seguiu para o Liceu Paraibano, onde teve participação ativa nos movimentos estudantis, chegando a ocupar um cargo na direção nacional do movimento secundarista, no Rio de Janeiro.

Desde criança, Biu gostava muito de ler e, quando adolescente, no momento em que começava a entender a vida, passava a semana inteira se esbaldando na leitura dos jornais de domingo, vendidos no trem das 3 horas da tarde, o chamado “bacurau”. Na estação de trem da Usina São João, Biu comprava os jornais que circulavam na época, o *Diário de Pernambuco*, *Jornal do Comércio*, **A União** e *O Estado de São Paulo*. Ele adorava ler jornal. “Os jornais daquela época eram mais volumosos e vinham com muita coisa. Eu me deleitava lendo jornal, aqueles artigos todos, de Chateaubriand, de Gilberto Freire, de Mário Melo. Eu não lia só com interesse de leitor, de tomar conhecimento do fato, eu ia observando e aprendendo como se escrevia, como eles formulavam as ideias e tudo isso já fazia parte de um aprendizado que viria pela frente. Só o fato de ler, foi acendendo dentro de mim aquela vontade de escrever para os jornais”, contou Biu, em uma de suas últimas entrevistas.

Ainda na adolescência, Biu descobriu a literatura de José Lins do Rego, e passou a se sentir um daqueles personagens que povoavam o mundo misterioso de sombra e silêncio da cana-de-açúcar. As paisagens descritas por José Lins, as figuras por ele retratadas, faziam parte do dia a dia do menino travesso, de mente acesa, dominado pela curiosidade de todas as descobertas. Depois de José Lins, vieram Graciliano Ramos, Machado de Assis, Eça de Queiroz, até chegar aos clássicos da literatura universal. Esse deve ter sido o laboratório inicial do futuro escritor, também contribuindo para a ampliação do rico vocabulário que facilitou a arquitetura dos textos jornalísticos e literários.

A essa construção intelectual de autodidata, se somava a aplicação nos estudos regulares. Biu era um aluno ativo, inquieto, criativo e participativo, dentro e fora da escola. Tinha uma rapidez na articulação das palavras faladas ou escritas, tal qual sua agilidade com a máquina datilográfica, habilidade adquirida de forma quase que clandestina, aos domingos, no escritório da usina, quando não havia ninguém no local. Ele treinava sozinho e se tornou um hábil datilógrafo, sem haver feito um curso formal. E foi essa habilidade com a datilografia que possibilitou o seu primeiro emprego na redação de um jornal. No dia do suicídio de Getúlio Vargas, em 24 de agosto

► de 1954, as aulas foram suspensas e Biu, que já estudava em João Pessoa, após ganhar uma bolsa de estudos do proprietário da Usina São João, Odilon Ribeiro Coutinho, aproveitou a folga na Escola Industrial, onde estudava, para procurar a redação do jornal *Correio da Paraíba*, a fim de entregar um artigo que havia escrito e que carregava sempre consigo.

Na ocasião, o secretário de redação do jornal era José Barbosa de Souza Lima e ele disse que iria publicar o artigo de Biu na coluna “Escreve o leitor”, mas o adolescente contestou a intenção, e propôs que o texto fosse publicado como uma forma de colaboração. E assim foi feito, cerca de quatro dias depois. Isso entusiasmou Biu Ramos, que tomou gosto e ficou escrevendo espontaneamente, sem nenhuma remuneração, como colaborador. E foi assim que tudo começou. Nessa altura dos acontecimentos, Biu já havia passado a escrever os artigos na própria redação do jornal e, sua habilidade e rapidez como datilógrafo, chamou a atenção do novo secretário de redação do *Correio da Paraíba*, Expedito Silva, numa dia de greve, em que ninguém compareceu à redação, a não ser o colaborador voluntário que estava no seu cantinho escrevendo mais um artigo. Expedito perguntou a Biu se ele o ajudaria a fechar o jornal e Biu respondeu que nem sabia o que era fechar o jornal. O secretário de redação disse que Biu aprenderia e repassou alguns releases para receber uma redação final, e achou o trabalho de Biu muito bom.

Mais tarde, no mesmo dia, chegou o editor do jornal, Ivaldo Falcone, e disse que precisava de alguém para bater o artigo dele, porque estava com pressa, pois tinha um compromisso. Expedito apontou para Biu e disse que ele era o melhor datilógrafo que tinha ali no jornal. Ivaldo ditou o texto e Biu caprichou na datilografia, não deu um erro, foi rápido e o editor gostou. Ele disse que a partir do outro dia, Biu iria ser o seu datilógrafo, e que deveria chegar, todos os dias, às

9 horas da manhã. Foi quando Biu entrou no jornal como datilógrafo de Ivaldo Falcone. Biu datilografava os dois textos de Ivaldo, o editorial e notas políticas e, a partir daí, ficava disponível para a redação o resto do dia. Foi assim que ele iniciou sua brilhante carreira profissional e partiu para outros voos com suas próprias asas.

## PRIMEIRAS IMPRESSÕES: destaque da equipe de Dulcídio Moreira

Gonzaga Rodrigues lembra que Biu apareceu nas referências da categoria dos jornalistas, depois que o *Correio da Paraíba* passou a jornal diário. “Começam a me falar de um moço que se revelava na equipe de Dulcídio Moreira. Uma tarde, estou na esquina do Paraíba Hotel, a que olha para a Lagoa, gozando a ventania que fazia redemoinho na saia plissada das garotas, quando vem subindo a padre Meira, como quem vem do Liceu um moço que, pela cor, pelo andar e pelo modo de olhar pra cima, só podia ser o Biu que a gente das oficinas me falava”, relata.

Gonzaga acrescenta que não teve conversa, dali de onde estava chamou por Biu (você não é Biu?). E ele: “Você não é Gonzaga?” “Daí por diante, por todos esses sessenta e alguns anos, ficamos nos acompanhando, às vezes em redações, cargos e posições diferentes, mas sempre ligados. Ligados quando fizemos a API das reformas de base, ligados quando cumpríamos uma mesma pauta na saga das Ligas Camponesas, ligados à cooptação que cedemos no governo de Agripino, amigo comum, desligados em Ernani, mas ligados em Tarcísio Buriti”, confessa.

Gonzaga diz que já noutra idade, já noutro plano, voltou, ele e Biu, a se enfileirarem numa outra categoria, a de fazer o jornalismo em livro, como escritores. “Eu um tanto mais dispersivo, fugindo do objetivismo duro da imprensa, tentando ser cronista, ele, como Joel Silveira, sendo escritor sem deixar de ser

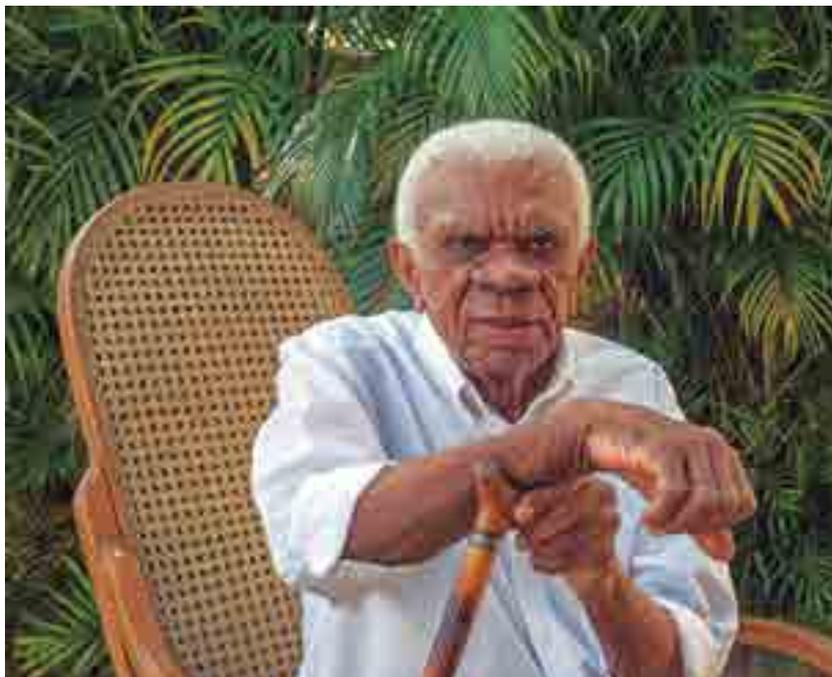
jornalista. Sempre esteve acima de todos os entraves e preconceitos, acima de nossos receios e temores, com o olhar determinado de um herói olímpico. O futuro vai lembrar-se dele como nós, cidadãos livres de hoje, nos lembramos do grande Luís Gama”, conclui.

Alarico Correia Neto conta que ficou devendo uma visita a Biu, desde a última vez que o encontrou na sede da Fundação Casa de José Américo, no Cabo Branco, por ocasião do lançamento do seu livro *João Agripino – O Mago de Catolé*. O livro fora reeditado com selo de **A União Editora** como parte das comemorações do centenário do ex-governador João Agripino Filho.

“Éramos amigos, conterrâneos, colegas de profissão e até já me aventurei a ser escritor (um tanto esporádico), tínhamos muito em comum. Ele era um bom papo e bom copo; bem-humorado, sabia observar e interpretar as nuances da vida com olhar crítico sem, contudo, perder o senso de humor. Mas sabia ser contundente quando perseguia a consecução da verdade na construção dos seus comentários e na interpretação dos fatos”, comenta.

“Antes de chegar aos 80, no entanto, Biu Ramos se foi para o lugar comum, onde, infalivelmente, iremos nos encontrar. Para ele, esse lugar devia ser Pasárgada, para onde ele sempre recitava seu desejo de ir: “Vou-me embora pra Pasárgada/ Lá sou amigo do rei”. Talvez Pasárgada já fosse sua morada nos seus momentos de boêmio, como ele se declarava, andanças que eu também caminhei e o acompanhei em memoráveis tempos idos. De uma coisa tenho certeza: Biu Ramos se foi, mas deixou marcos inapagáveis no jornalismo e na literatura da Paraíba”, finaliza Alarico.

A primeira vez que o jornalista Martinho Moreira Franco viu Biu Ramos de perto foi na redação do *Correio da Paraíba*, meados dos anos 1960, na Rua Barão do Triunfo. Ele era secretário do jornal, e Martinho chegou à redação recomendado por Antônio Barreto Neto para assinar



*Biu Ramos também fez uma incursão pela política partidária e candidatou-se em 1986 a deputado estadual*

► uma coluna sobre cinema, conforme acerto entre os dois.

“Biu, que se assinava Severino, era rigoroso na avaliação dos textos publicados no *Correio*, mas resolveu ser indulgente com o iniciante e decidiu me promover a redator do jornal, depois de rápida temporada como tradutor de telegramas de agências noticiosas. A partir dali, começou a me convocar regularmente para acompanhá-lo em novas missões, primeiro na redação da Secretaria da Divulgação e Turismo, implantada por Noaldo Dantas, no governo de João Agripino, depois em **A União**, da qual fui editor geral, quando Biu dirigiu o jornal pela primeira vez, no governo Ernani Sátiro, passando pela Rádio Correio da Paraíba, onde estivemos juntos nos programas “Cidade Aberta” e “Diário Íntimo de uma Cidade”, além de outros locais de trabalho”, relata Martinho.

Biu Ramos também fez uma incursão pela política partidária e candidatou-se em 1986 a deputado estadual, participando ativamente da campanha que elegeu Tarcísio Burity governador do Estado pela segunda vez. A convite do governador foi secretário de Cultura, Esportes e Turismo e, quando extinta essa pasta, ocupou o cargo de superintendente do jornal **A União** e, em seguida, a superintendência da Rádio Tabajara.

## DEPOIMENTOS de amigos e companheiros de “batente”

A história do jornalista e escritor Biu Ramos será contada, a seguir, por meio de diversos depoimentos de colegas de “batente” e personalidades do meio político e literário paraibano.

O cineasta, escritor e jornalista Ipojuca Pontes, por exemplo escreveu recentemente, no artigo intitulado “Grande Severino Ramos”, que o jornalista guardava luz própria e cedo superou as adversidades. “Em substância, Biu Ramos era um ser moralmente íntegro. O negócio foi o seguinte: eu tinha frequentado um breve curso de Iniciação à Filosofia do Jornalismo, ministrado pelo pioneiro Luiz Beltrão, durante três meses, na PUC do Recife, graças à gestão providencial de Virgínius da Gama e Melo, meu cambo e camarada. (Beltrão, por sua vez, havia estagiado no *The New York Times* e, em João Pessoa, criara um curso de jornalismo na Faculdade das Lourdinhas, que tinha como um dos alunos,

se não me engano, Arael Costa). De volta à taba, e graças aos caraminguás fornecidos por D. Laís, enfermeira-chefe na maternidade Júlia Maranhão, em Araruna, passei a almoçar na Pensão de Alexina, a temível mãe de Luís Hugo Guimarães, assessor da confiança pessoal de Jango na Paraíba”, relata Ipojuca.

A seguir, Ipojuca detalha como conheceu Biu Ramos: “No dia da primeira refeição, Alexina me conduziu à mesa de quem?... Você acertou: Severino Ramos Pedro da Silva. Logo uma simpatia mútua nos aproximou, transformada, ao longo de décadas, em amizade sólida e inquebrantável. Sim, Biu não era figura fácil, como não deviam ter sido fáceis os ásperos caminhos que trilhou para se impor num meio, até então, limitado, problemático e, quase sempre, preconceituoso. Mas o fato é que Severino Ramos guardava luz própria e cedo superou as adversidades. Numa batida firme, de exímio datilógrafo dos editoriais de Ivaldo Falconi, se fez redator, bom repórter e, melhor ainda, secretário do *Correio da Paraíba*, substituindo, à perfeição, o experiente Eurípedes Gadelha, que deixou o cargo para dirigir os Correios e Telégrafos em Salvador. Eis a verdade: reunindo vocação, talento, seriedade e imensa capacidade de trabalho, Severino Ramos não brincava em serviço. Por vezes fazia sozinho o jornal inteiro, pautando repórteres, redigindo notícias, elegendo matérias para as oficinas do linotipista Chamberão”, prossegue.

Ipojuca lembra que quando deixou *O Norte* para assinar coluna diária no *Correio da Paraíba*, cansou de ver Biu Ramos, sem chiar ou dizer palavrões, fechar o jornal. “Era de se ver: recebia minhas matérias e as de outros repórteres sem tirar os dedos da velha Remington. Sua única pinimba era com o fotógrafo “Cabeção”, eficiente, mas sempre atrasado, segundo justificava, por causa da arisca vaca “Mimososa”, que mantinha no quintal, e de “trato difícil na hora de pear e espremer as tetas para tirar o leite”. Até hoje creio que aprendi mais vendo Biu trabalhar do que

► no cursinho de Beltrão, na PUC do Recife”, garante.

Pontes acrescenta que Bui Ramos, na Rádio Tabajara, nomeado diretor artístico por Adalberto Barreto, fez um programa de entrevistas que marcou época, “Salão de Debates”, em que encostava as chamadas “autoridades competentes” contra a parede. “Conhecendo bem os problemas do Estado, Bui não se deixava enganar por respostas evasivas ou conversinha à toa. Atirava na mosca, com verve e objetividade. Mais tarde, no início dos anos 70, inaugurada a Rádio *Correio da Paraíba*, no Ponto de Cem Réis, fizemos programa noturno lapidar, bem-humorado, que arrebatou a audiência: “Diário Íntimo da Cidade”, bate-papo cativante que passava a limpo os acontecimentos do dia. Dele faziam parte Sonia Yost, Martinho Moreira Franco, Luiz Andrade, Bui e eu. Era o modelo do que a CBN tenta fazer hoje em dia. Ah!, o título do programa, “Diário Íntimo da Cidade”, foi dado por Bui”, pormenoriza.

Ipojuca Pontes comenta que o velho Aristóteles, refletindo sobre o teatro grego, ensina que caráter é destino, ou seja: a forma como se age ou se reage moralmente diante dos acontecimentos nasce com a pessoa. “Em substância, Bui Ramos era um ser moralmente íntegro”, sentencia.

Ele narra, para concluir, o seguinte episódio: “Certa feita, vi uma foto no jornal em que o usineiro Renato Ribeiro Coutinho, ladeado por José Leal, Arquimedes Cavalcanti, José Souto e outros jornalistas, posavam, na Associação Paraibana de Imprensa, ao lado de uma geladeira, com a seguinte legenda: Na API, por ocasião da entrega de um refrigerador doado pelo comendador Renato Ribeiro, entre vários confrades que observam a máquina em pleno funcionamento. Dr. Renato, bom sujeito, era presidente da UDN, demonizada pelas esquerdas. Bati na máquina um texto caricaturando o fato e passei-o ao secretário do jornal. Ele leu o texto e foi sereno: ‘Monjardim (meu pseudônimo, à época), o texto tá bom, mas Renato não

é isso, não. Sabe, meu pai trabalha na Usina S. João, eu nasci lá. Foi Renato quem me matriculou e me deu condições de estudar na Escola Industrial. Me tratava como uma pessoa da família. Ele ajuda Deus e o mundo. Se insistir, eu público, mas não é correto o que você diz’. Depois de observar Severino por algum tempo, respondi: Você tem razão. Me dá isso aqui.

Em seguida, rasguei o texto, dele fiz uma bola de papel e a joguei na cesta do lixo. Merecia”.

Já o jornalista Nonato Guedes escreveu que a sólida bagagem cultural moldou a trajetória de Severino Ramos. Ele relata que a iniciação de Severino Ramos na literatura deu-se com o livro *Arca de Sonhos – Ou Mocidade e Outros Heróis*, uma saborosa radiografia da vida intelectual e boêmia da cidade de João Pessoa nos idos de 50/60. Segundo Nonato, foi uma agradável surpresa para o público, que conhecia “Bui” das colunas políticas, sempre combativas, mas não fora apresentado ao romancista que coexistia no personagem. “Na verdade, a produção de Ramos, na literatura e no jornalismo, deveu-se a uma sólida bagagem cultural que ele detinha, independentemente de ter frequentado com assiduidade a academia, que, aliás, ignorou solenemente a sua morte e o seu legado, deixando entrever ranços de preconceito no recôndito de alguns intelectuais”, critica.

Nonato Guedes revela que Ramos não dava importância a idiossincrasias e que fez do jornalismo diário e da Associação Paraibana de Imprensa, que presidiu, trincheiras da livre expressão, denunciando casos de violência, de racismo, de injustiça, nos intervalos do cometimento político a que era chamado, no sentido de acompanhar e opinar episódios marcantes de eleições que se sucederam na Paraíba em mais de meio século. «Lembro que nos encontros informais com Sílvio Pélico Porto, Eilzo Matos, Celso Novaes, Ipojuca Pontes, o foco da conversa era na literatura, na menção de autores consagrados como Cervantes, Tolstói, Gabriel Garcia Márquez, Anatole France, pas-

sando por Machado de Assis, Nelson Rodrigues, Jorge Armando, Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Lima Barreto e, claro, José Américo de Almeida, cujo terrão Ramos frequentou e lá bebeu na fonte ensinamentos preciosos, privilegiados”, continua.

“As discussões que testemunhei, na minha chegada a João Pessoa em 1978, derivavam dos livros para o cinema e o teatro. E não por acaso, no segundo governo de Tarcísio Burity, por cuja candidatura se engajou com mais afinco, Severino Ramos surpreendeu ao núcleo de amigos e admiradores, este escriba incluído, informando que iria pleitear a Secretaria de Cultura, não a de Comunicação, que, em tese, lhe parecia mais apropriada. Era a vontade do fazer-intelectual pulando forte nas veias de ‘Bui’, que dialogou sem acanhamento com Celso Furtado, então ministro da Cultura no governo Sarney e com artistas renomados da Música Popular Brasileira que ocupavam pastas culturais nos Estados de origem ou com jornalistas-escritores do porte de Joel Silveira, a quem admirava pessoalmente”, acrescenta Nonato.

O jornalista explica que a *Arca de Sonhos* chocou a elite cultural que não estava preparada para absorver o talento de Ramos, elevado à sua plenitude. “Houve controvérsias, mas isto só fazia atrair leitores. Tratava-se, afinal, na definição de Antônio Barreto Neto, de um “alegre e colorido mural da provinciana sociedade pessoense da época dos anos 50/60, seus ambientes típicos, seus hábitos peculiares, suas figuras marcantes e seus tipos populares”, conclui Guedes.

O jornalista Walter Santos relata que Bui Ramos, quando militava na crônica política, era o mais expressivo pela contundência que tratava a abordagem dos personagens e os fatos políticos do estado. “Ele expandiu seu lado intelectual, saiu dessa esfera da análise política e entrou no mundo da literatura, com destaque para o livro *Arca de Sonhos*, que o consagrou como um dos grandes escritores da Paraíba”, complementa.

Segundo avalia Walter Santos, ►

► Biu representa, no contexto da imprensa da Paraíba, aliás não só da imprensa, mais no universo intelectual da Paraíba, a expressão de valor humano que conseguiu, na condição de homem negro, de origem humilde, do canal de Santa Rita, superar todos os obstáculos de vida e imprimir a condição de um dos mais importantes jornalistas políticos de todos os tempos. “Quando militava na crônica política, ele era o mais expressivo pela contundência com que tratava a abordagem dos personagens e os fatos políticos do estado. Ele conseguiu se impor tanto que chegou à presidência da Associação Paraibana de Imprensa. Só que no decorrer do tempo, ele expandiu seu lado intelectual, saiu da esfera da análise política e entrou no mundo da literatura», observa.

Walter Santos explica que, por incrível que pareça, embora haja mais evidências sobre os crimes que abalaram a Paraíba que ele trata em livro, é na narrativa dos personagens populares de *Arca de Sonhos*, uma literatura com os personagens da vida de João Pessoa, que acontece a sua inserção no mundo literário que surpreendeu para melhor e o consagrou. “Biu é a expressão da inteligência humana que conseguiu superar vários preconceitos e foi em vida uma referência especial de quem venceu por mérito e se tornou referência no estado. Tenho orgulho de ter partilhado de uma parte da vida dele. Nós debatíamos muito e tínhamos uma relação muito afetuosa, que nos faz lamentar a sua ausência”, lastima.

Antônio Barreto Neto, no prefácio da *Arca de Sonhos*, considera Biu Ramos um narrador fluente, hábil desenhista de perfis, com a graça natural de um bom contador de casos, que simpatiza e se diverte com seus personagens. Um dia escreveu Wellington Aguiar que Severino Ramos era um jornalista dos bons, boêmio de fina sensibilidade e conhecedor de todos os becos, ladeiras, ruas e praças desta cidade de João Pessoa. Já Djacy Andrade escreveu que através do livro de Biu Ramos – *Arca de Sonhos* -

o leitor vai aos bares de antigamente. “João Pessoa dos anos 50 e 60 está bem retratada na crônica de Biu Ramos”, ressalta Djacy.

Mário Moacyr Porto reconheceu que Biu Ramos traçou, com leveza e fidelidade, excelentes os tipos da boemia paraibana, no livro *Arca de Sonhos*. Na mesma época, Ivan Bichara também brindou a chegada de Biu à literatura com a “*Arca de Sonhos*”. “A sua tendência para a ironia, para a mistura de sal e pimenta, com a sua prosa sensual e ágil, se junta a evocação de figuras do passado, à saudade dos companheiros (Virgínius no centro), fazendo tudo isso junto com uma combinação que torna seu livro saboroso, rico, luminoso, extraordinário, raro”, afirmava, na ocasião do lançamento do livro, o ex-governador da Paraíba.

O escritor crítico literário Hildeberto Barbosa Filho reconhece que Biu Ramos foi o primeiro a registrar, por dentro, enquanto observador e personagem, certa temperatura da cidade, certas oscilações de suas “veias e artérias”, que os livros didáticos sempre esquecem. Outro crítico e escritor, Gemy Cândido era da opinião que Biu Ramos, ao escrever um texto leve, sem nenhum compromisso literário, rico de peripécias, conseguiu exprimir, com a força do seu espírito lunar, a crônica histórica de uma cidade que se encontra imersa no solo do passado. Já Carlos Romero diz que não sabe a quem admirar em Severino Ramos, se a argúcia do repórter, a atenta observação do sociólogo, ou a penetração do psicólogo, a amenidade e o humor do cronista, a imaginação do poeta, ou os questionamentos do crítico.

O jornalista William Costa, gênero do autor de *Arca de Sonhos*, escreve que Biu Ramos, no livro, lança mão de uma paleta de cores líricas, para fazer, da cidade que o acolheu, na juventude, um retrato da saudade. “Os matizes são propositalmente variados, única maneira de dar conta da multiplicidade de personagens e situações que conformam este mirabolante painel social que é *Arca de Sonhos*. O livro é como conversa em mesa de bar, tem

hora para tudo: rir, chorar, contar, cantar, declamar e encenar”, complementa.

William é da opinião que, durante a leitura de *Arca de Sonhos*, os mais velhos certamente choram de saudade, enquanto os mais novos riem a bandeiras despregadas. “É que Biu Ramos fez de seu livro não só um panetão de heróis populares, como ‘Mocidade’, ‘Vassoura’, ‘Macaxeira’ etc., ou uma galeria de vultos históricos e homens de cultura, como Walfredo Rodrigues e Augusto dos Anjos, mas também o inventário do melhor anedotário da capital. Biu lançou *Arca de Sonhos*, em 1985”, comenta.

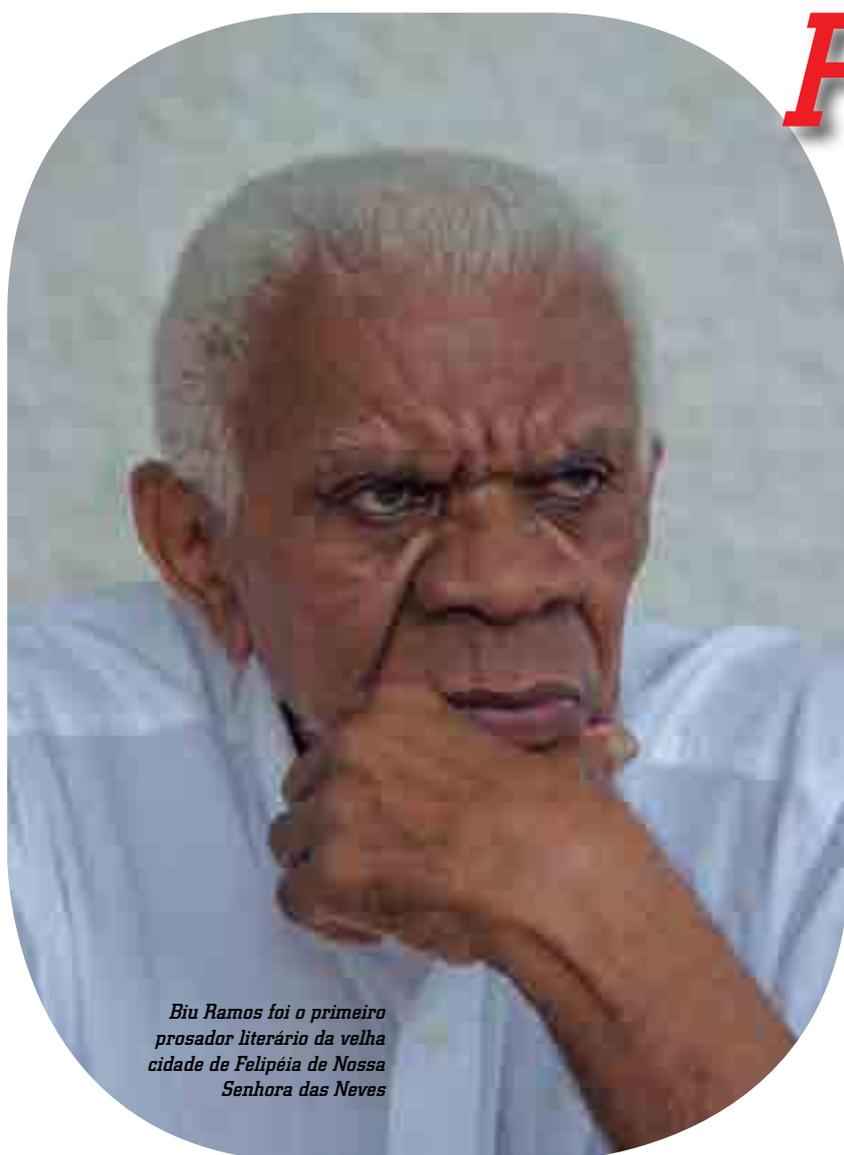
Autor de onze livros, Biu Ramos vivenciou a sua opção pela reportagem com o livro *Crimes que abalaram a Paraíba*; pela biografia com livros sobre João Agripino, Tarcísio Burity e Paulo Pontes; e autobiografia com o livro *Memórias de um repórter*, que nasceu de sua atuação criteriosa como jornalista. Biu às vezes explicava que sempre teve o cuidado de guardar imagens e documentos impressos que ele sabia que tinham valor e que, futuramente, iria precisar deles para uma pesquisa ou outro trabalho sério qualquer.

Aposentado como procurador do Estado, Biu Ramos manteve-se vivo como escritor, dedicando-se também a organizar os seus arquivos, um acervo de preciosidades do jornalismo, da política e da literatura paraibana. No livro “Era uma vez um boêmio”, ele nos ofereceu mais uma prova de sua verve e estilo inigualáveis de contar suas histórias, num ritmo e numa cadência que só ele sabia e conhecia. ■

**Alexandre Nunes** é jornalista e escreve sobre política, economia, cultura e religião. Mora em Santa Rita (PB).

# Severino Ramos

## Entre a memória e a poesia



FOTOS: ANTÔNIO DAVID

*Biu Ramos foi o primeiro prosador literário da velha cidade de Felipéia de Nossa Senhora das Neves*

**P**arodiando Pascal e recorrendo a Aristóteles, diríamos que a poesia possui verdades que a própria história desconhece. A história registra o fato, o “grande fato”. A poesia atravessa-lhe a textura, vai além dele, põe-no pelo avesso. Dialoga com outras filigranas e esferas da realidade que escapa à sisudez histórica e à pompa carlyliana dos grandes heróis.

A poesia é mais humilde, porém mais sábia e mais completa. Mais democrática (vale o termo!), mais humana... Poesia, aqui, no sentido abrangente da palavra. Mais ou menos como ensinava o estagirita: não a recriação do que é, mas do que poderia ser. Ou seja, a mimese das essências em contraposição à mimese das aparências – fruto reacionário da empáfia de Platão, o eterno inimigo dos poetas!

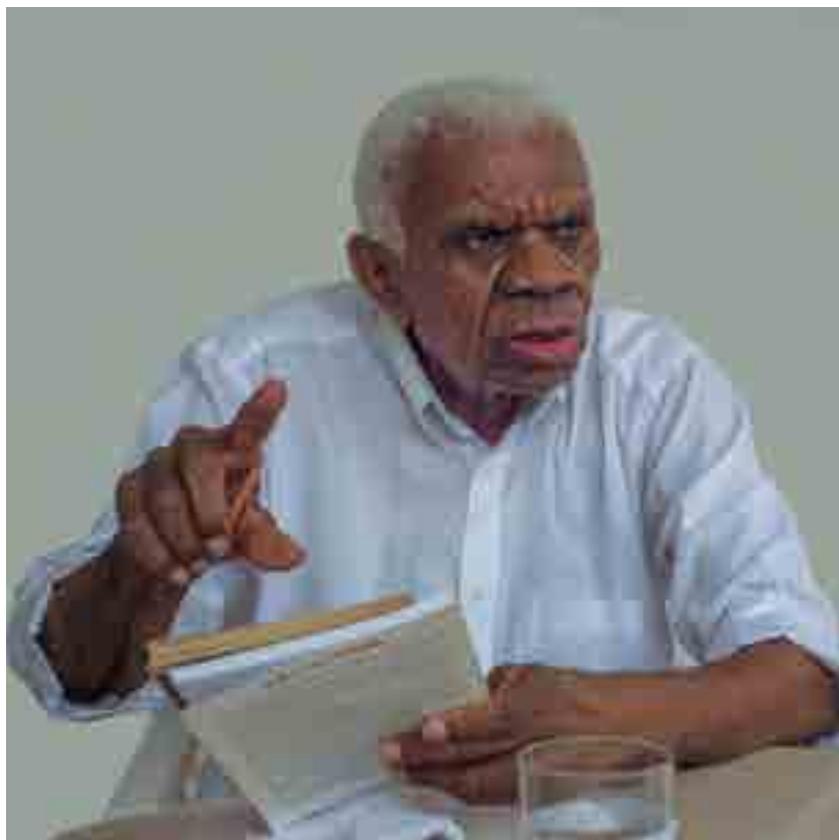
Poesia como sinônimo de ficção, de acordo com a abertura teórica da estética moderna, sabedora de que a arte é sobretudo conotação da vida, e não simplesmente um signo estruturado que se fecha para o mundo e que se auto referencia, numa miserável tautologia para dentro. Poesia como leitura e releitura do real, principalmente naquelas ares- ▶

tas esvanecidas pelos discursos da ciência. À caça do mágico, do farsesco, do pitoresco, das diversas cambiantes que sustentam a geometria do espírito humano. Poesia que se faça criação, mas que fale ao homem, estabelecendo uma comunicação plena de sentidos, de verdade, de vida e de beleza. Mesmo no palco da modernidade, que desencadeia a lógica especial da sua própria problematização. Uma poesia que seja sobretudo voz, voz inteligível, voz decodificável.

Pensamos ser no interior desta amplitude conceitual que devemos situar a prosa literária de Severino Ramos, materializada no seu *Arca de sonhos* ou *Mocidade e outros heróis*, publicado em outubro de 1985. Dizemos prosa literária, para quem fez jornalismo a vida inteira, em função da natureza simbólica que o texto revela, embora não se perceba, na espontaneidade, concisão e singeleza do seu estilo, qualquer intenção de ordem estética.

Mas, qual o significado desta *Arca de sonhos*, em meio à produção literária da Paraíba atual? Paraíba quatrocentona, de muitos escreventes, porém de poucos escritores de verdade? Qual a sua contribuição? A sua razão de ser? O seu tempo, a sua geografia?

O significado desta obra consiste em primeira mão, no fato de que a velha Felipéia de Nossa Senhora das Neves ganha o seu primeiro prosador, consideradas, naturalmente, certas sinuosidades de sua paisagem e certo clima de uma época que já passou. O primeiro a lhe sondar as entranhas através da luneta dos sonhos e da memória poética. Sem o mofo erudito dos historiadores oficiais empanzinados de inúteis bibliografias. Sem as academicices da sociologia universitária, incapaz de sair do cerco positivista. Sem as lantejoulas da escrita apologética, trampolinesca, subserviente à ratificação dos “mitos”. E, felizmente, ainda, sem o falso moralismo de intelectual burguês, travestido, ora de católico, ora de protestante, ora de



Com *Arca de sonhos*, *Biu* foi o primeiro “a sondar as entranhas” da capital paraibana, “através da luneta dos sonhos e da memória poética”

maçon, de espírita, mórmon ou o diabo que o valha! O primeiro a registrar, por dentro, enquanto observador e personagem, certa temperatura da cidade, certas oscilações de suas “veias e artérias”, que os livros didáticos sempre esqueceram. Em meio, portanto, à produção literária da Paraíba atual seu significado precisamente se traduz no preenchimento de uma lacuna. A lacuna da *memória coletiva* que não elide o sabor particular da *memória individual*.

*Arca de sonhos* é, assim, um texto bipolar. Documento vivo da safra intelectual e boêmia dos anos 50 e 60, anos encastelados no principado poético da Bambu; é também o rio individual de Severino Ramos, carregando seus aluviões de nostalgia e de saudade, na transgressão estética da fusão entre memória e poesia. Sua contribuição está em resgatar um pedaço desse mundo, psicanalizá-lo, como bem sugeriu Gemy Cândido, em lúcido artigo, publicado em *O Norte*, em 27/10/85. Sua razão de ser se concentra no poder mágico da escrita, estrutura simbólica que ressuscita os roteiros de uma geração inteira. Seu

tempo, a boemia etílico-literária; sua geografia, o coração da cidade, o pulsar do seu fôlego secreto: o Ponto Cem Reis, O Paraíba Palace Hotel, A sorveteria Canadá, a churrascaria Bambu, o Cassino e as tantas e tantas casas noturnas da Maciel Pinheiro.

Era justamente esse mundo, apenas transfigurado nas imagens ficcionais de Políbio Alves, que precisava vir a lume, emergir do fundo da lembrança e se transformar em realidade histórica, elasticada no claro-escuro da expressão literária.

Para tanto, o escritor recusou as “certezas” da história dominante, o dado estatístico, a possível argúcia analítica do cientista e se centrou no promontório da visão poética. Uma visão que disciplina suas pági-

► nas híbridas, em cujos relatos se cristalizam a palavra leve, lírica, irônica, do cronista, e a frase segura, despojada, do repórter. Apanhou ainda o olhar de um dos tipos mais pitorescos desta cidade, o Senador David José dos Reis, para construir o ponto de vista da sua narrativa. David é, portanto, o personagem a partir do qual se desenrola o passeio poético, distribuído em casos, crônicas, perfis, anedotas etc. Se David conduz a narrativa, seu eixo giratório, no entanto, escapa ao universo dos seus sonhos íntimos, para se fragmentar, em verdadeiras histórias encaixadas, que recuperam certas paisagens perdidas da cidade. Nesta “arca”, o maior e mais vivo dos personagens... Mas David, na sua inocência de amante, aquece o fogo da dicção poética, no verbo introdutório de Severino Ramos.

*David tem as chaves de todos os mistérios desta cidade. É ele quem abre as suas portas todas as manhãs para fazer entrar a sua grande multidão de heróis e receber o brilho do sol que se levanta do seu leito de espumas do mar de Tambaú.*

Eis um pequeno trecho do “Canto do Alvorecer”, espécie de prosa poética que funciona, na arqui-

tetura geral da narrativa, como um aviso de entrada, como uma chamada de embarque para uma outra ilha de fantasias, dividida em recantos como: “Fogos de Artifício”, “Balada para o Menestrel”, “Cavalgadas Cívicas”, “Heróis do Tapete Verde”, “Heróis da Madrugada” e “Heróis do Amor e da Guerra”.

No “Canto do Alvorecer” se recompõe, em sumário, a história da cidade. História que vem tecida na âncora dos sonhos de David, que a tudo “assistiu, ordenou e orientou e conduziu”, a partir “do seu posto de observação histórica”. Por isso, afirma Severino Ramos a certa altura:

*... foi elevado à condição de defensor perpétuo desta muy querida e acolhedora Cidade de Felipéia de Frederica de Nossa Senhora das Neves de João Pessoa da Parahyba do Norte. Cidade que ele batizou e por ele há de ser governada seculum seculorum.*

“Fogos de Artifício” reúne apenas dois textos (“Evoações de Walfredo” e “Perfume de Gardênia”), ambos apresentando flagrantes descritivos das festas populares. No primeiro, a tradicional Festas das Neves; no segundo, a Festa da Torre, entre outras. Importa considerar, no entanto, que Severino Ramos não se limita ao puro descritivismo de fundo nostálgico.

Seu método narrativo, embora lírico, não deixa de incorporar o sabor picante do humor e da ironia. Sua perspectiva face aos fatos narrados vai além da simples evocação, e se torna crítica...

Quando David cascavilha no fundo do baú os jornais de outros tempos da Festa das Neves, a que Walfredo se referira, é para o autor comentar criticamente o jornalismo da época. Mesmo o jornalismo de festas... Com seu estilo empolado, sua verborreia flácida e seu moralismo monástico! A picardia das situações, denotando o interesse irreverente do escritor pelo avesso das “verdades”, enfatiza-se na seção “Coisas que Incomodam”, de *O Curioso*, jornalzinho da Festa da Torre.

Todavia, os textos não se prendem, exclusivamente, ao anedótico e ao pitoresco. Em certas passagens, a sintaxe humorística cede o espaço, sempre necessário, para o recorte de interesse sociológico, outra face de inegável ►



*Biu com dois de seus livros fora do gênero biografia: Arca de sonhos e Era uma vez um boêmio... (crônicas, memórias, casos, piadas...)*

- ▶ riqueza no livro de Severino Ramos. Esta passagem de “Perfume de Gardênia” confirma minhas palavras:

*A Festa da Torre começou a entrar em declínio a partir do ano seguinte, 1966, com o avanço do progresso, a substituição das marinetes pelos ônibus da Viação Torrelândia, quando o cinema Torre foi fechado, embora ainda hoje exista o seu prédio como uma lembrança viva de uma época de menos violência e mais romantismo.*

Na “Balada para o Menestrel” se resgata o perfil do boêmio e homem de letras, Virgínius da Gama e Melo, mentor intelectual de toda uma geração, de que fizeram parte: Luiz Augusto Crispim, Eilzo Matos, Wills Leal, Maria José Limeira, Hermano José, Firmo Justino, Ar-

chidy Picado, entre outros. A página saudosa se constrói em ritmo de balada, diluindo a linearidade normativa da prosa, nos recortes líricos da linguagem poética. A princípio, denotadora do lastro informativo do autor que, em operações sintéticas, faz a colagem das mutações do mundo. Depois, aberta à contaminação intertextual que descortina o autor-leitor. Leitor e selecionador dos nossos diamantes literários de melhor quilate, extraído das minas de Augusto dos Anjos, Jomar Moraes Souto, Vanildo Brito, Gonzaga Rodrigues, Carlos Romero e o próprio Virgínius.

Severino Ramos não se revela, assim, um narrador egoísta. À anticonsciência lírica de David, ele junta os olhares de outros narradores na tessitura do texto. Com isso, enriquece o veio de referências e valoriza, no artefazer da própria escritura, a escritura alheia. O método faz de *Arca de sonhos* um texto que se intertextualiza para revisitar poeticamente a cidade. E, no caso, o leitor não só a redescobre através da visão lírica de David, mas também pelos postos de observação poética de outras consciências. A de Jomar Moraes Souto, neste trecho antológico sobretudo:

*Lá na Barão do Triunfo,  
não triunfa ninguém.  
Ou triunfa, quando muito,  
a sede que a gente tem;  
uma sede insaciável  
que, às vezes, sabe a jejum:  
aquela do paraíso  
perdido de cada um.*

Poderíamos ampliar o leque de citações com os versos de Augusto dos Anjos e, particularmente, com o retrato de Virgínius da Gama e Melo, modelado pelo cronista, Carlos Romero, como forma de reforçar a argumentação. Porém, nos dispensamos: o leitor poderá, ele mesmo, conferir...

Daí em diante, a “arca”, navegada por David, vai percorrer os avulsos mares de outras his-

tórias e de outros personagens: os jocosos e vezes dramáticos episódios da vida anônima, dos anti-heróis da existência, que a história esquece, embora cravados na memória viva e popular da cidade. Concentrando seu discurso nos roteiros de David, na sua “consciência” à margem, Severino Ramos recupera simbolicamente o inconsciente coletivo da cidade, na figura de tipos como *Mocidade*, este “Quixote do asfalto”; *Apolônio Sales*, o nosso “Robin Hood”; *Venelipe*, com seu “Vou” heróico; *Lula Fodinha*, com suas “desventuras”; *Marlene*, com seus amores à gaúcha; *Manezinho*, com seus defuntos; *Mestre Alfredo*, com sua vaca feroz, e muitos outros.

Desde “As Cavalgadas Cívicas”, passando pelos “Heróis do Tapete Verde”, “Heróis da Madrugada”, até “Heróis do Amor e da Guerra”, os relatos de Severino Ramos repõem, em cena, o palco de uma cidade, hoje “urbanizada” e desfigurada historicamente na fome do progresso; o clima espiritual, alegre e humano, que lhe conformou a paisagem e lhe forneceu a substância de uma boêmia, mas também (tudo leva a crer) de autêntica vida intelectual.

Se na sua palavra picante, sarcástica, debochada mesma, feriu os inúteis brios de alguns não menos inúteis figurantes, escancara, por outro lado, uma outra dimensão, a dimensão mais real e menos mítica de uma cidade que já é história. Mas, uma história maior, mais ousada, mais complexa; uma história que dialoga com o sonho, que se faz poesia, que se deixa penetrar, nos vácuos da sua realidade, pelas arcas sempre viajadoras da imaginação... ✦

**Hildeberto Barbosa Filho**  
é poeta, cronista, crítico de literatura, professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e membro da Academia Paraibana de Letras (APL). Mora em João Pessoa (PB).



# A história COMO eu conto

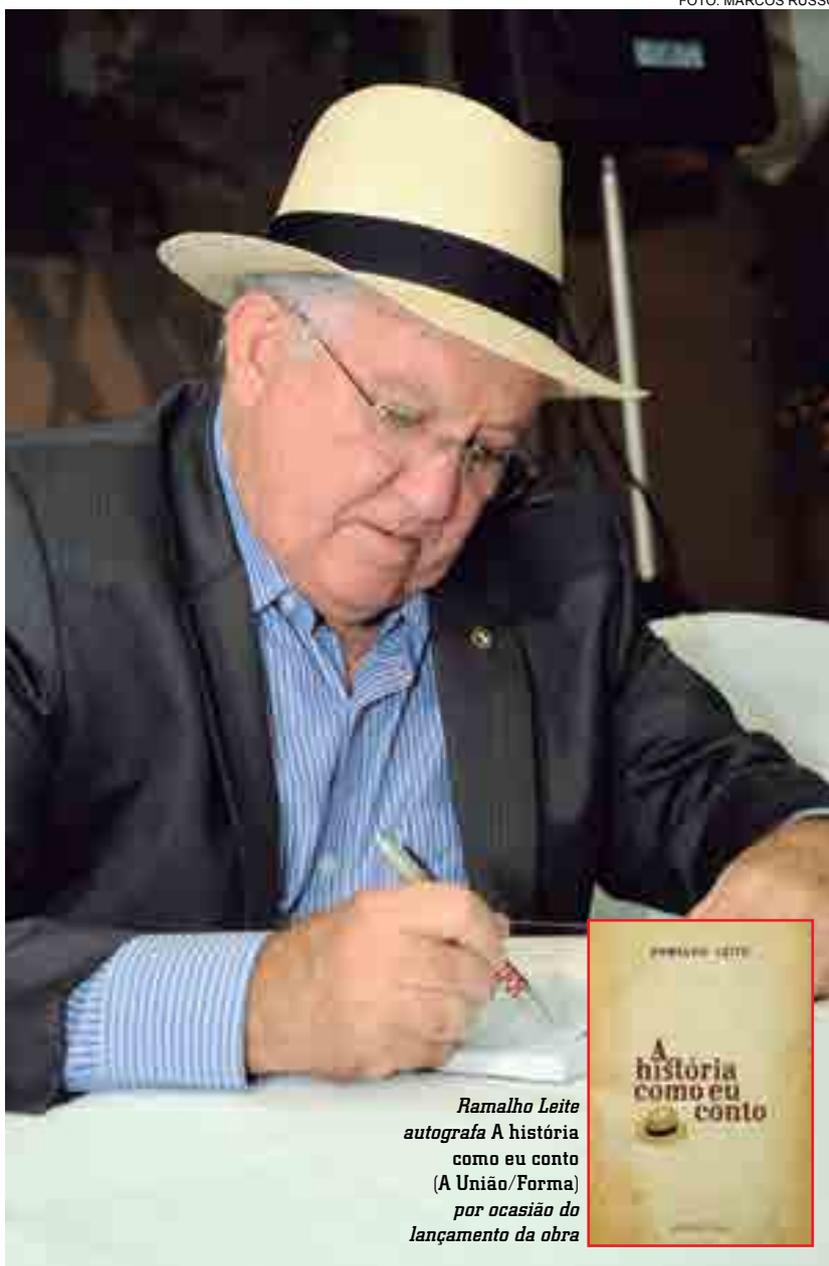
**José Mário da Silva**  
Especial para o *Correio das Artes*

**L**i, de uma assentada só o delicioso livro *A história como eu conto*, de autoria do confrade Severino Ramalho Leite, membro da Academia Paraibana de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba. Tendo atuado por vários anos na seara política, nela exercendo vários cargos, de prefeito da sua gleba natal, Bananeiras, a deputado federal, Ramalho Leite, pela força da experiência adquirida, tornou-se um profundo conhecedor dos vãos e desvãos da atividade política, suas virtudes e flagelos, dela extraindo a sua seiva primordial, a razão diária das suas vivências e sobrevivência estética. Refiro-me ao fato de que é do código político, predominantemente, que Ramalho Leite retira a matéria prima das suas observações de jornalista e escritor.

Em princípio, jornalismo não é literatura, mas pode vir a ser, quando, ao contracenar com ela, o brilhantismo textual atinge os estatutos da fundamental literariedade. *A história como eu conto*, sinaliza o autor no prefácio, paratextualmente, é obra de um assumido “contador de histórias e da história”, que, ao registro puramente factual do acontecido, “prefere o pitoresco, o burlesco, o inusitado”.

Aqui, ao retrato natural do vivido, associa-se o narrador que, timbrado por aliciente ▶

FOTO: MARCOS RUSSO



Ramalho Leite  
autografa *A história  
como eu conto*  
(A União/Forma)  
por ocasião do  
lançamento da obra

- ▶ tonalidade humorística, ao contar a história de fatos passados, como que a reconta, conectando-a com as realidades do presente. Ao assim proceder, mostra como vícios comportamentais do aqui e do agora, no final das contas, já vicejavam, há muito tempo, sobretudo porque não são categorias pertencentes a esta ou aquela quadra cronológica, mas, sim, são realidades congênicas do ser humano, que é o mesmo em todo o tempo.

Por exemplo, na crônica “O imperador veio a Parahyba assistir à Missa do Galo”, Ramalho Leite afirma que o “presidente Silva Nunes veio governar a Paraíba graças ao fato de ser genro do Barão de Muritiba, com grande influência na corte, onde era reverenciada essa nobre genrocracia”.

Vê-se aqui, claramente, que, conforme já pontuara Gilberto Freyre em seu clássico *Casa Grande & Senzala*, na formação da sociedade brasileira, poder político e clã familiar eram faces indissociáveis de uma mesma moeda. A despeito da inquestionável constatação de ser a política uma fonte de permanentes, numerosos e multiplicados males, Ramalho Leite não endossa a estridente e perigosa tese dos que, pretextando corrigir as inconveniências da democracia, anelam fazê-lo por meios autoritários e absolutamente antidemocráticos, pois, conforme sentencia o ilustre filho de Bananeiras: “Fechem as casas legislativas, lacrem as tribunas e saberemos a falta que fazem. Mesmo com seus defeitos, estruturais ou de representatividade, qualquer parlamento aberto é melhor que uma ditadura que fecha, prende e arrebenta”.

Estamos diante de uma reflexão muito oportuna, sobretudo nos turbulentos tempos em que vivemos, nos quais o crescente esgarçamento do nosso tecido democrático nacional tem ensejado o surgimento de arautos da antidemocracia e dos sempre temerários estados de exceção. De alguém familiarizado com o ser/fazer da vida parlamentar, não se imaginaria posicionamento distinto.

Um ponto altamente re-

levante no livro de Ramalho Leite radica no seu estilo, sobremaneira fundamentado na leveza de um coloquialismo que, inteiramente desafetado, aproxima o leitor dos fatos narrados, dele fazendo uma espécie de interlocutor privilegiado, quase íntimo, um companheiro com quem o autor divide acontecimentos; e, para quem, cartografa cenas e cenários da realidade política brasileira, com máxima especialidade da que se materializa no âmbito da geografia paraibana.

Cenas e cenários, fatos e circunstâncias que Ramalho Leite percorre com desembaraço e, principalmente, com fino e acendrado humor. Humor que, conforme acertadamente pontua o cronista maior Gonzaga Rodrigues na apresentação que fez de *Em prosa & no verso*, outro livro de Ramalho Leite, “não é só a piada, a anedota, o risível, o cômico propriamente dito. O humor, muitas vezes, é a superação dos nossos defeitos”.

Certeira, a sentença do admirável criador de *Um sítio anda comigo*. O humor é um traço indelével de uma inteligência superior, por meio da qual as forças cognitivas da percepção humana acercam-se, crítica e criativamente, do desbordante universo da realidade dentro da qual estamos inseridos.

Desse humor que confere saber e sabor à linguagem em que se manifesta está impregnada a narrativa engendrada por Ramalho Leite para contar, do seu peculiaríssimo jeito, a história. História por ele vivida ou objeto da sua apaixonada investigação. Em suma, *A história como eu conto*, na esteira dos outros vários livros de autoria de Ramalho Leite, ratifica as sobran-tes qualidades intelectuais do aludido político, jornalista, advogado e escritor paraibano. No seu livro, memória e história dão-se as mãos, resultando num texto que, conforme pontuou Horácio em sua clássica Poética: ensina e deleita. ✦

José Mário da Silva é professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e membro da Academia Paraibana de Letras (APL). Mora em Campina Grande (PB).

**Cenas e cenários, fatos e circunstâncias que Ramalho Leite percorre com desembaraço e, principalmente, com fino e acendrado humor.**

# Ambiguidades masculinas

NA CONSTRUÇÃO DE PERSONAGEM DIADORIM

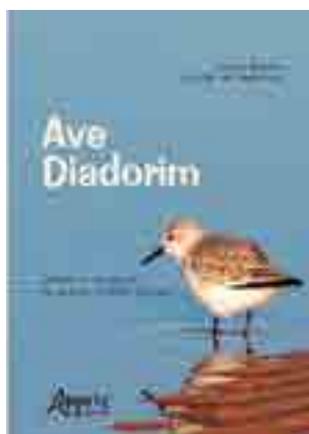
**Linaldo Guedes**  
linaldo.guedes@gmail.com

**A**o tempo em que se comemoram os 110 anos de nascimento de João Guimarães Rosa (Cordisburgo, 1908 - Rio de Janeiro, 1967), uma obra lançada em Cajazeiras (PB) traz novas luzes sobre uma das personagens mais emblemáticas da literatura: Diadorim. Professora da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG, campus de Cajazeiras), a escritora Lígia Regina Calado de Medeiros lançou, em junho deste ano, *Ave Diadorim*, pela Editora Appris, do Paraná, onde fala sobre a imagética da mulher em *Grande Sertão: Veredas*.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



*Lígia Regina Calado de Medeiros revisita a obra-prima de Guimarães Rosa "com intenção de leitura, análise e perspectiva crítica de estudo"*



O livro, segundo Lígia Calado, é um ensaio crítico, resultado de discussões realizadas em debate com a temática rosiana, na coordenação de pesquisa e outros projetos que ela vem desenvolvendo junto ao Grupo Avançado de Estudos em Literatura, na UFCG. "A obra-prima do escritor é revisitada com intenção de leitura, análise e perspectiva crítica de estudo, não apenas para cumprir protocolos acadêmicos, mas como caminho de festa e celebração de uma escrita que merece ser lembrada, pois que reivindica para si visibilidade e interesse permanentes", comenta.

É mais do que isso. O livro é dividido em quatro capítulos. No primeiro, Lígia fala do "Sertão das mulheres encobertas". Nos seguintes, analisa sobre "Sexo: as poesias do corpo, ma-landragem", "Diadorim: a donzela guerreira", "Dindurinh, A Ave Palavra" e "Voa Diadorim".

No primeiro capítulo, Lígia aborda a perspectiva do "encoberto" que existe em Diadorim. Mas não só nela. Por isso, faz questão de enfatizar que em todas as mulheres que surgem como personagens do livro, há um certo recato no texto de Rosa. Ou nas narrativas de Riobaldo. É o caso de Bigri, mãe de Riobaldo, que morre cedo e quase não se sabe nada sobre ela. Ou da feiticeira Ana Duzuza e a mulher de Hermógenes, que sequer tem nome. Também há os amores de Riobaldo: Norinhá e Otacília, além da própria Diadorim. Exceção apenas para as prostitutas do Verde-Alecrim. "Há sobre essas mulheres algo de indefinição. Se se conhece de onde vêm, não se sabe para onde vão e vice-versa. Há, portanto, ▶

▶ algo de nebuloso, de misterioso sobre elas, tal perspectiva não se restringindo à heroína, como faz supor um primeiro instante”, analisa Lígia.

Em “Sexo: as poesias do corpo, malandragem”, segundo capítulo da obra, Lígia analisa, entre outras coisas, os vazios nos amores descobertos por Riobaldo: Nhorinhá, Otacília e Diadorim. Cada um desses amores com uma orientação específica. Norinhá seria a representação do amor cuja poesia se inicia no corpo. Já Otacília é a mulher idolatrada, pura, virgem, com quem, no fim, se casa; uma “imagem ideal colhida, de passagem, num pedaço do sertão”. Por fim, Diadorim é a maior de todas as ilusões perdidas entre os amores de Riobaldo. “Está no receio de ser mandado, o medo de ser diminuído aos olhos de Diadorim, já que mais adiante, na narração, ele lembra de que Diadorim ‘gostava de mandar, primeiro mandava suave, depois, visto que não fosse obedecido, com as sete pedras’. Ao mesmo tempo que seduz, assusta a Riobaldo a força de opinião da heroína”, observa.

Em “Diadorim: a donzela guerreira”, Lígia mostra como a personagem principal destoa das demais mulheres do livro, em relação ao sexo, e também dos jagunços, principalmente pela falta de conotação sensual. “Para Riobaldo, é um espanto descobrir que Diadorim dança”, diz. Essa descoberta, inclusive, vai incomodar ao jagunço. Não à toa, em determinado trecho da obra, Diadorim vai propor um pacto de abstinência a Riobaldo: enquanto estivessem em ofício de bando, nenhum dos dois colocaria a mão em mulher. Riobaldo cumpre a promessa por um tempo, enquanto em uma das passagens da narrativa Diadorim passa pela suspeita, por parte dos demais jagunços do bando, de ser homossexual.

No último capítulo, Lígia enfatiza a tecla do idealismo pre-



*O escritor mineiro  
Guimarães Rosa  
(1908-1967)  
continua sendo uma  
fonte inesgotável de  
estudos acadêmicos*

sente na obra de Rosa. Numa análise bem interessante, a autora do livro fala sobre as várias identidades assumidas por Diadorim ao longo de *Grande Sertão: Veredas*, como “Din’durinh”, “Diá” e “Di”, todas elas provocadores de diálogo. É o caso de “Din’durinh” que, segundo Lígia, provavelmente seria uma abreviação que remete à Diadorim, vocábulo que lembraria o nome de um pássaro presente na obra: andorinha. “Assim, ciente dessa excepcionalidade em Rosa, a questão é tomada, restando procurar no texto do romance o ponto de interseção ou as associações metafóricas que se estabelecem entre mulheres e pássaros”, frisa. Essa analogia é pontuada, por Lígia, em vários trechos da obra de Rosa. Afinal, se em determinado momento o protagonista quer abraçar “Diadorim, como as asas de todos os pássaros”, em outro, há provas de que Diadorim e Otacília “não se bicam”, só para ficar em dois dos exemplos citados por Lígia.

O certo é que *Ave Diadorim: Imagética da mulher em Grande*

Sertão: Veredas levanta novas possibilidades de leitura da obra de Guimarães Rosa. Sobretudo de uma leitura onde se busca o olhar feminino de Diadorim a partir das narrativas de Riobaldo. Um olhar que pode ser tão dissimulado como o de Capitu, a outra personagem emblemática da literatura brasileira. Aliás, consta que Rosa teria feito severas críticas a Machado de Assis. Interessante que ele usa o mesmo artifício do autor de *Dom Casmurro* na construção de uma personagem que só é mais ambígua porque é narrada pelo olhar masculino. ✦



# Políbio Alves, ESCRITOR BRASILEIRO

**Suênio Campos de Lucena**  
Especial para o *Correio das Artes*

**D**esde que apareceu na cena literária no ano de 1983 com o livro de contos *O que resta dos mortos*, Políbio Alves já surgia pronto. Ainda inédito, em 1977, o escritor já havia conquistado o prêmio Augusto Motta com o poema “Passagem Branca”, vencendo mais de dez mil originais. Eis um trecho: “Na sexta-feira santa/o poeta deliberou o inventário do tempo./Na sexta-feira-santa,/o poeta de Cruz das Armas reuniu os companheiros de farra, armou o bote. Na sexta-feira santa, o poeta fechou os olhos, acionou do gatilho sua última palavra”. Desde então, Políbio vem se fazendo um narrador da realidade brasileira.

Da infância simples vivida no bairro Cruz das Armas e quando deixou João Pessoa e foi embora pro Rio de Janeiro, aos 23 anos (“com uma mala de papelão e o equivalente a R\$20, no bolso”, disse em entrevista), ele luta desde sempre. No Rio, enquanto trabalhava em diversos empregos, passou a frequentar o Restaurante Calabouço, onde conseguiu lançar com colegas um curso supletivo, o *Artigo 99*. Por essa época conheceu o estudante paraense Edson Luiz de Lima morando na rua e o levou para estudar no supletivo e se alimentar no Calabouço. Assim como Políbio Alves, Edson havia ido para o Rio tentar melhorar de vida e conseguir um emprego. Acabou sendo assassinado no Calabouço pelos militares na noite do dia 28 de março de 1968. A morte brutal entrou para a história e ficaria gravada na memória do escritor. Meses depois, Políbio foi preso por participar da Passeata dos Cem Mil. Essas e outras vivências suas estão descritas em *A Leste dos Homens* (2017), mas o livro não se restringe aos anos de chumbo da ditadura militar. Ele descreve várias repressões e regimes de exceção, que remontam às décadas de 1930 e 1940, como o Estado Novo, de Getúlio Vargas.

A passagem pelo Rio será marcada pela sobrevi-

vência e também pelo reconhecimento, como a comenda de Cidadão Carioca recebida em 1974 pelo seu trabalho como educador na periferia. Vale lembrar que, antes do retorno definitivo à Paraíba, em 1980, quando voltou como funcionário público concursado, Políbio Alves conheceu e circulou entre Ana Cristina César, Clarice Lispector, Edilberto Coutinho, João Antonio e Lúcio Cardoso, entre outros.

Premiado, colaborador do jornal *Tribuna da Imprensa*, editor da Revista *Presença Literária* (1983-85), mesmo assim o escritor precisou pagar a primeira edição do livro *Varadouro* (1989), um clássico contemporâneo que se aproxima dos trinta anos. Nele, Políbio Alves exercita sua vocação humanista, destacando a gente sofrida do Nordeste. *Varadouro* é obra que resiste por ser feita de carne, sangue, corpo e alma; páginas que não apenas compõem o painel histórico de uma cidade, com seu rastro de misérias em torno de um rio, o Sanhauá, mas trata-se de legado literário que espelha dor, raiva, angústia e injustiça pelo esquecimento a que muitos brasileiros até hoje são submetidos.

*Varadouro* é exemplo do quanto podemos ser cruéis e, ao mesmo tempo, alta literatura, por conseguir conjugar forma e conteúdo. Contudo, o longo poema não se restringe à história de um rio. Ele é reflexo e denúncia de parte da realidade brasileira. Com ele, Políbio Alves se alinha a criadores como João Cabral de Melo Neto, em “O Rio” (o Capibaribe); Mário de Andrade e a “Meditação sobre o Tietê” e Ferreira Gullar e seu *Poema Sujo*, entre outros. Assim o escritor definiu *Varadouro*: “A lembrança dos maruins, a beleza plácida da maré vazante, a lama, o azedume da fábrica de cimento, os caranguejos-de-andada invadindo o quintal, subindo o batente da cozinha de nossa casa. Ali, através deles, surpreendi o rio Sanhauá, as fronteiras do pavor, o medo de morrer afogado nas tardes de pescarias. E nesse reduto colhi os primeiros frutos que iriam fertilizar a minha escritura”.

► Passadas algumas décadas desde que se lançou, é interessante percebermos o quanto a literatura de Políbio Alves segue coerente, sólida, apresentando pistas não facilmente reconhecíveis, pois, se, de um lado, ela dialoga com Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade – a memória, a nostalgia, o avançar do tempo, o sentimento proustiano do que foi e não volta mais, a melancolia, a solidão, o envelhecimento e a morte – por outro, também é possível enxergar o verso cabralino e sua linguagem quase matemática, mas que não dispensa a emoção, o sujo, o simples. Políbio segue reverberando esses (dois) mundos complementares, sobretudo, ao produzir uma literatura essencialmente brasileira. Sim, sua causa é o Brasil, esta nação de conhecidas mazelas, e que nos tem dado poucos sinais de eufusividade, cujos governantes estão sempre aquém do seu povo. Esse é o Brasil que aparece nos seus escritos; matéria literária que reverbera em poesia e prosa, sensíveis às grandes questões do humano, homens e mulheres que vivem aqui e na América Latina.

Uma região que Políbio Alves conhece bem enquanto exercita uma linguagem mais próxima da tradição do que das vanguardas, conforme podemos reconhecer nos seus escritos. Leitor voraz, é até temerário procurarmos diálogos nos seus escritos porque muita coisa influencia seu texto. A música, o sexo, a rua, a feira, o transeunte, o camponês, as festas de paróquia, as casas pobres e simples, os livros lidos e relidos da sua biblioteca, a solidão, as angústias e as dores do mundo, o passado, a mãe, inesquecível no seu simbolismo de afeto e ternura, claramente repercutem numa literatura nunca artificial e sempre colada à realidade e também ao subjetivo, à fé, ao sagrado, às religiões, aos sonhos.

Em muitas páginas de Políbio Alves é possível nos depararmos com sua paixão e curiosidade pelo conhecimento histórico. Acredito que se ele não tivesse se tornado escritor certamente teria seguido os passos de um historiador, haja vista sua pesquisa pela



Nascido em 1941, Políbio Alves "surpreende pela força e atualidade do seu texto"

fatos e passagem do tempo ocorridos em cada casa, praça e cidade sobre à qual se dedica, algo que o coloca ao lado de Calvino e de Marguerite Yourcenar. A impressão é que o escritor não conhece literatura sem conhecimento histórico. *Varadouro* costuma ser exemplo mais citado, mas basta lermos um livro como *La Habana Vieja* para vê-lo demonstrar pesquisa revestida de conhecimento histórico, poesia e amor.

Neste e em alguns outros títulos seus, Políbio Alves deflagra sua vivência e admiração por Cuba, país que enfrenta décadas de embargo norte-americano. É comovente a relação que o autor mantém com a Ilha e é significa-

tiva a acolhida que seus escritos têm recebido neste país, a despeito de constantemente ser lembrado pela prática da censura e pelos interditos de liberdade política. Políbio circula com desenvoltura neste país, responsável por editá-lo algumas vezes (prática penosa neste Brasil), além de manter seus livros na Casa de Las Americas.

O escritor segue resistindo numa aposta que já soma algumas décadas de dedicação e de obstinação a uma literatura feita sem concessões. Uma carreira que tem conquistado prêmios e traduções, como a que acaba de sair na França (*O que resta dos mortos*, edições Épure, por Roselis Batista Ralle) e a atenção para uma obra que repercute não só a voz dos excluídos, diga-se de passagem. Para além da dor e dos laivos de desencanto, há sim a busca pelo amor, como vemos em títulos como *Exercício Lúdico: Invenções e Armadilhas* (1991), quando o escritor deflagra certa crença neste sentimento tão necessário.

Nascido em 1941, Políbio Alves surpreende pela força e atualidade do seu texto. Apesar dos gestos recentes do poder público em torno dos seus livros (como a reedição e distribuição de *Varadouro* em escolas), sua literatura precisa ser mais lida. Felizmente, a fortuna crítica em torno de sua obra é crescente, vide os estudos de Ana Cláudia Cruz Córdula, Elizabeth Marinheiro, Milton Marques Júnior e Molina Ribeiro, entre outros. O escritor segue tornando universal seu microcosmo, esta João Pessoa e sua Paraíba, origens que ele honra, mas que, nem por isso, deixa de apontar mazelas que se refletem na violência nossa de cada dia. Que bom que cada vez mais lemos e estudamos Políbio, esse importante escritor brasileiro. ◀

**Suênio Campos de Lucena** é jornalista, escritor e professor doutor dos Cursos de Letras e Comunicação Social da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). É autor dos livros *21 Escritores Brasileiros* (2001), *Depois de Abril* (2005), *Vermelho quase Laranja* (2011) e *Histórias de Júlia* (2018). Contato: sueniocampos@uol.com.br. Mora em Salvador (BA).

# O indizível sentido

DA LITERATURA NA OBRA DE ROSÂNGELA

**Linaldo Guedes**  
linaldo.guedes@gmail.com

**T**enho recebido muitos livros, desde que me instalei no sertão da Paraíba. Na medida do possível, venho tentando ler o que me chega às mãos. Nem sempre consigo, por conta de afazeres outros que me impedem de viver apenas para a leitura. Alguns desses livros me encantam; outros decepcionam e um em especial me comoveu. Falo de *O indizível sentido do amor* (Editora Patuá), de Rosângela Vieira Rocha, cuja leitura acabei de terminar.

É uma obra que emociona pela narrativa, uma espécie de fuga e procura desde as primeiras páginas. Há uma dor tão pungente em reflexões sobre a vida, a morte, a viuvez, a solidão, o idealismo político e o cotidiano de um casal que, confesso, quase fui às lágrimas em suas últimas páginas. Mas é também um livro muito bem escrito.

Como já disse, ainda sou do tempo em que uma boa narrativa se faz antes de tudo com uma boa história, bem contada, sem apelar para floreios inventivos em demasia. Os floreios devem vir atrelados à história do romance ou conto, e não o contrário. Não temos tantos James Joyce para inovar na linguagem. Mas temos bons contadores/as de histórias que desperdiçam essa capacidade, procurando uma forma diferente de dizer algo. Dia desses recebi o livro de um jovem contista brasileiro. Por deferência e amizade, fiz matéria jornalística com ele divulgando o lançamento para o jornal. Depois, fui ler a obra. Começava



Rosângela Vieira Rocha publicou *O indizível sentido do amor* pela Editora Patuá



a ler um conto e parava. Passava para outro, retornava a leitura do anterior e não conseguia concluir nenhum conto. Sim, o jovem escritor tinha o domínio das técnicas literárias, mas ao mesmo tempo em que procurava exercitar essas técnicas, esquecia que ao leitor interessa antes de tudo uma boa história, bem narrada, seja numa linguagem inventiva ou tradicional.

Rosângela se define como uma contadora de histórias. Sim, é. E que contadora de histórias, Rosângela é! *O indizível sentido do amor* se desenvolve basicamente nos aposentos de um hospital onde José recebe cuidados após ser diagnosticado com pneumonia. Digo basicamente porque a narradora, que não é outra senão a própria Rosângela, enreda a gente na história dela e de José, em idas

e vindas que prendem a atenção do leitor do começo ao fim, sem dar tempo para um respiro. É um romance autobiográfico, mas Rosângela, como toda boa escritora, engana o leitor. O tom do início, quando a narradora vai a Lisboa, em busca do passado do marido, é de que a narrativa vai se desenrolar apenas em torno da história de José – que em tempos de Ditadura no Brasil foi preso político e depois tentou reconstruir sua vida quase em silêncio. Após sua morte, a narradora vai em busca desse passado, para tentar entender melhor a história e os silêncios de José. E é aqui que o leitor entra, sem perceber, em outra trama: na própria história da narradora. História de solidão, sobretudo. E não apenas pela viuvez. Ainda nas recordações de quando José estava vivo, havia laivos solitários da narradora, justamente por conta dos vazios, dos buracos que ficavam na história de José.

Dessa forma, a narração se prende a coisas do cotidiano, coisas miúdas, coisas até da vaidade feminina (não que isso seja coisa miúda), a reflexões sobre a UTI de um hospital (para que serve um relógio nesses locais?, indaga), a forma como ela e José se conheceram, namoraram e casaram e, claro, o passado político oculto de José. Tudo isso numa narrativa que às vezes parece um jogo de espelhos. Só que o jogo de espelhos não é entre a narradora e José. É entre a narradora e a autora. Rosângela constrói um romance delicado, tenso e denso, numa linguagem que não é linear, mas é fluida. Um romance para a gente refletir sobre as renúncias de um engajamento político e também para refletir sobre as dores da vida, sobre as dores da morte.

Em tempo: Rosângela Vieira Rocha nasceu em Inhapim-MG. Já tem onze livros publicados, sendo quatro para adultos e sete infanto-juvenis. Recebeu alguns prêmios literários, participou de coletâneas, é professora e jornalista. Soube que está escrevendo um novo romance. Como virei seu leitor de carteirinha, já aguardo ansioso. ✖

## Joaquim Branco

Edward Snowden era um alto funcionário do governo americano. Em 2013 revelou segredos de espionagem que seu governo considerava estratégicos e teve que pedir asilo à Rússia, onde permanece até hoje.



### A maior solidão do mundo

Edward está só.

Num hotelzinho em Moscou  
num quartinho isolado  
sem falar a língua dos outros  
à míngua de amigos – acuado.

À espera que o tirem  
do frio abrigo que o isola  
mas não o prende.

Espiões ilegais ali o puseram  
por viver de verdade  
e agora conta dias e eras  
para esquecer o tempo  
da liberdade na terra.

Edward tirou o véu  
mostrou o céu da pátria  
mas não ultrajou-a.

Clamam vozes em todo o mundo  
em assinaturas e protestos  
para que o convidem, o esperem,  
o recebam.  
Coragem! Quem há-de?

– Um lar para Snowden!

(20-01-2014)

**Joaquim Branco** nasceu e mora em Cataguases (MG). É poeta, crítico, jornalista e professor universitário. Publicou, entre outros livros, *Concreções da fala*, *O caça-palavras*, *Passagem para a Modernidade*, *Verdes vozes modernistas* e *Refugiados*.

# Prado

**Salomão Sousa**

Especial para o *Correio das Artes*



**V**olto sempre a Harold Bloom para ativar a forma de pensar e de ordenar as escolhas de leitura e, também, para que a mente não adormeça no ócio. Vejo interpretação em tudo que deposito o olhar, por isso Sinésio Dioliveira sinalizou que não fotografo, pois tiro o olhar do objeto. Preocupou-me com o que danifica a prática poética de nosso tempo. O homem atual só reconhece o que molda em seu desejo, e desmerece o que o outro deseja ver. Bloom me socorre na questão com o conceito de sublime, de Longino. O conteúdo de uma obra tem de nos provocar estranheza. Ocorre que não é uma estranheza por ser “estranho”, mas de espanto no espírito. Um dos versos que mais gosto é de Boris Pasternak: *viver é algo mais do que atravessar um prado*. Assim vejo numa tradução. Talvez pudéssemos simplificar a tradução: *viver não é simplesmente atravessar um prado*. Mas o que tem de estranheza nisso? Não é belo um prado em si e mais belo ainda, simplesmente, por hauri-lo? A estranheza, pelo menos assim vejo, é ser levado a se sentir fora da travessia do prado. Se viver fosse estar só dentro do prado, o verso não teria mais nenhum motivo de

existência. Não estamos permanentemente dentro de um prado e, se estivéssemos, a vida seria assaltada por uma enorme pequenez de possibilidades. Só teria a possibilidade do prado. Deitado em minha sala, eu diria que

**Viver é estar com a porta aberta para entrar o vento com cheiro de vento**

Mas e o cheiro do prado? Do prado da beira do rio Calvo, de uma distante Rússia após algum degelo? A poesia não é dizer o que está posto no verso. É pegar o real e criar algo além do ideológico, como reconhece Bloom: *o estético demanda profunda subjetividade e está além do alcance da ideologia*. Então por que ele diz que falta à atualidade a presença de poetas como Emerson e Whitman para interpretação do mal-estar da cultura? Tenho algumas interpretações para a questão. Primeiramente eu concordo com a proposta de Bloom — no mundo da complexidade moderna, foi multiplicado o campo de ação do homem e o poeta não consegue entrar em todas as inserções da inovação. Mas, então, por que o poeta deixa de compreender pelo

menos algum ângulo do seu tempo para que possa compreender a si mesmo, sem confusão do que é a lírica? Não sou lírico só quando me fotografo. A lírica ocorre com sucesso quando o poeta fotografa com um olhar pessoal e de inteligível estranheza. O poeta — na minha parca compreensão — deixou de se submergir no *prado*, de interagir com ele para que possa se expressar com essa experiência. É necessário ter um trabalho braçal com o *prado* para depois ter um trabalho corporal com o poema. Eu diria mais: teme ser ideológico — não no sentido partidário, mas de assunção de posicionamento diante das desolações de seu tempo — para depois estar imbuído de subjetividade expressiva. Só sou autêntico quando penso por mim mesmo, se meu eu corporal não se referencia pelo que encontra após o prado. Nada que expresso transportará estranheza até o outro. A poesia exige a expressão da libido do real absorvido pela individualidade do poeta. Com poesia, somos o cinamomo. ◀

**Viver é abrir a porta para entrar o vento e atravessa a sala o prado perfumado**

**Salomão Sousa** é poeta, nasceu em Silvânia (GO) e mora em Brasília. É jornalista e funcionário público do Ministério da Fazenda. Atualmente, pertence à diretoria da Associação Nacional de Escritores. É autor, entre outros livros, de *A moenda dos dias/O susto de viver* (1980) e *Ruínas ao sol* (2006). Editou o zine *Chuço* por 19 números. Mantém o blog: [www.safraquebrada.blogspot.com](http://www.safraquebrada.blogspot.com).

## Versos iniciais

Preciso restituir-me aos versos iniciais,  
mesmo que as noites jamais despertem  
nossos ousados sonhos.

Preciso restituir-me aos versos iniciais,  
mesmo que os homens esqueçam  
os códigos falseados pela solidão.

Preciso restituir-me aos versos iniciais,  
mesmo que o mar volte o rosto aos abismos  
e desconheça as tempestades.

Preciso restituir-me aos versos iniciais,  
mesmo que tenhamos de nos imolar  
aos deuses pervertidos.

Preciso restituir-me aos versos iniciais,  
mesmo que tenhamos no corpo as marcas  
de todas as torturas.

## Arte Poética

Não sorver jamais o  
néctar das feridas.

Alimentar a alma de pássaros,  
mares e alvoradas

Relembrar vozes ausentes na memória e  
para elas erguer um templo

Iluminar os corredores da infância  
com luzes arcaicas

Aceitar a longevidade da dor,  
sorrindo para os deuses que  
nos atormentam

Engendrar o azul nos telhados das  
mansardas

Aprisionar nas praias desertas as  
vozes dos búzios torturados pela  
solidão

Desvendar em toda madrugada a  
dicção das trevas e  
seus fantasmas

Cultuar o fogo sabendo próxima a  
estação do gelo

## Paisagem antiga

Gosto de ver as estátuas  
abandonadas nas praças.  
Me dá curiosidade saber  
como foram suas vidas,  
seus caminhos,  
suas frágeis tardes,  
suas noites alucinadas.

Gosto de pensar nas estátuas como  
irmãos e irmãs que nunca tive,  
gosto de ver seus olhares muito além do mundo e  
do seu jeito de zombar dos homens que  
as homenagearam.

Por que estão ali,  
velhas estátuas desbotadas de ventos e solidão,  
antigas presenças rumorejantes a  
viver um presente sem glória?

Ó velhas estátuas abandonadas nas praças.  
O que sabeis agora dos antigos louvores,  
o que podeis pensar se estais sozinhas e  
arredias numa paisagem inexpugnável e  
sem perdão?

## O boi e a paisagem

Neste campo pasta um boi.  
Os automóveis que passam  
pela estrada não o vêem e o  
boi continua a pastar a  
tarde e seus mistérios.  
Mas quando os homens voltam dos seus passeios,  
lentos e desiludidos,  
as crianças percebem afinal que  
sem o boi o campo é um deserto.

## berto Jales

ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SÁVIO

**Fuga**

*Para Francisco de Carvalho, cearense, em memória, a quem minha poesia tanto deve*

Foge desta tarde que nunca trouxe  
bons presságios

Apascenta as nuvens que teimam em  
morrer em teus olhos

Cultiva os amores que de tanto ferir ressurgem  
em brandas formas

Escuta esta sinuosa infância em cada outeiro,  
em cada música cantada por  
um anjo barroco

Perdoa este mar tergiversado,  
deserto de aves,  
algas e peixes avaros

Acalenta as cinzas amontoadas na memória,  
esquece os desvãos de onde partem os antepassados e  
seus olhos de assombro



**CARLOS ALBERTO JALES COSTA** é natural de Natal (RN) e reside em João Pessoa (PB). Formado em Filosofia e Direito, lecionou em várias instituições de ensino superior, entre as quais a Universidade Federal da Paraíba e Universidade Católica de Pernambuco. Já publicou diversos livros nas áreas de educação e poesia. *Vindimas da solidão* (poesia) é o mais recente.



# Um contista de futebol bissexto

**O** futebol é sabidamente um jogo entranhado na vida brasileira. Queremos dizer com isso que o jogo de bola aos pés, cuja trajetória em nossa história cultural e literária procuramos explicitar nos textos publicados nessa nossa coluna do “Correio das Artes”, a partir de sua efetivação por meio do concurso mútuo do campo do jornalismo com o da literatura, já se firmou como mote especulativo de abrangência e legitimidade tais que os autores brasileiros de ficção têm facilmente como justificar, com a eficácia própria dos seus trabalhos literários, o investimento direcional que essa produção tem feito no assunto.

Tal motivo literário é hoje – podemos dizer junto com o que dizem alguns textos por nós já analisados nessa coluna – um meio riquíssimo (dentre outros já canônicos e estabelecidos) através do qual a nossa arte literária vem eficaz-

mente discutindo a condição humana específica do homem brasileiro, considerado na sua vinculação a uma cultura e ambiente próprios.

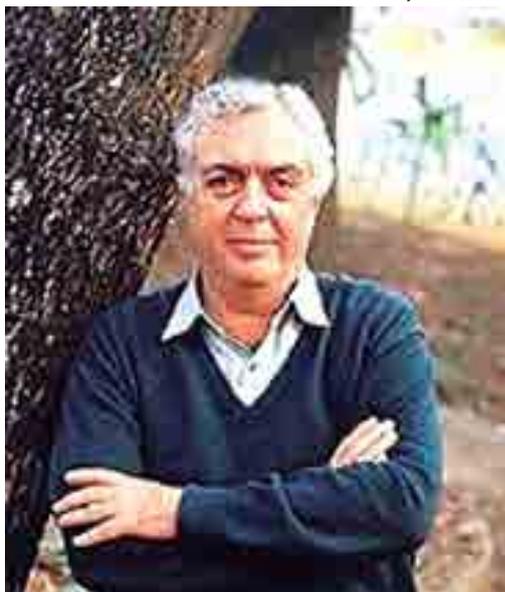
Assim é que, isolado o homem por trás da bola, como queria conceber Nelson Rodrigues, ou percebido na sua relação visceral com esta, como tentam apanhá-lo na condição de jogador outros tantos autores, a motivação especulativa do futebol tem gradativamente se firmado em nossa literatura como uma demanda geral a que não escapa nenhum olhar atento de escritor verdadeiramente imbuído de propósitos analíticos quanto a nossa realidade social.

Há, portanto, integrados na grande constelação de grandes autores de nossas letras, uns que têm dedicado mais atenção ao tema do futebol e outros menos. Uns até que tomaram o tema como fato motor de suas carreiras literárias e outros que só tangenciam o assunto esporadicamente; aproveitando o vai-e-vem das ondas de *input* e *output* dos recortes emergentes em tais ou quais momentos da nossa vida cultural em ebulição.

Esse segundo caso é precisamente a situação do escritor Lourenço Diaféria quanto a ligação da sua literatura com o tema do futebol, nas letras nacionais.

Nascido em São Paulo, a 28 de agosto de 1933, Diaféria morreu na mesma cidade em 16 de setembro de 2008. Foi contista, cronista e jornalista brasileiro. Sua carreira jornalística começou em 1956, na *Folha da Manhã*, atual *Folha de S. Paulo*. Como cronista, o início foi mais tardio, em 1964, quando escreveu seu primeiro texto assinado. Permaneceu no periódico paulista até 1977, quando foi preso pelo regime militar por causa do conteúdo da crônica, “Herói. Morto. Nós”, considerada ofensiva às Forças Armadas. A crônica comentava o heroísmo do sargento Sílvio Hollenbach, que pulou em um poço de ariranhas no zoológico de Brasília para salvar um menino. A criança se salvou, mas o militar morreu, vencido pela voracidade dos animais. A crônica também citava o duque de Caxias, o patrono do Exército ▶

FOTO: REPRODUÇÃO INTERNET



Lourenço Diaféria foi preso pela ditadura militar por conta da crônica “Herói. Morto. Nós”

## ◆ jogada de letras

▶ to, lembrando o estado de abandono de sua estátua no centro da capital de São Paulo, próximo à Estação da Luz. Diaféria só seria considerado inocente em 1979. Durante algumas semanas, a *Folha* deixou em branco o espaço destinado ao colunista, em repúdio à sua prisão. Depois da *Folha*, levou suas crônicas para o *Jornal da Tarde*, o *Diário Popular* e o *Diário do Grande ABC*, além de quatro emissoras de rádio e a *Rede Globo de Televisão*. Católico, escreveu *A Caminhada da Luz*, livro sobre dom Paulo Evaristo Arns, a quem admirava. Outra “religião” era o futebol: muitas de suas crônicas falavam desse esporte — e de seu time, o Corinthians.

Nas histórias curtas, no entanto, o tema do futebol só comparece em dois contos escritos sob encomenda de uma editora de São Paulo, fato que o torna um típico dentre muitos dos escritores bissextos do assunto futebol na literatura brasileira. Vamos conferir sua escrita futebolística, na análise dessas duas narrativas de Lourenço Diaféria — “Urgente, em mãos” e “A rã misteriosa” — que empreendemos para esta coluna, a seguir:

### 1) URGENTE, EM MÃOS

Escrito especialmente para a coleção Toque de Letra, série Lazuli, da Companhia Editora Nacional, organizada por Miguel de Almeida, com a coletânea intitulada, *A vez da bola*, publicada em 2004, este conto se insere no campo daquelas narrativas de ficção que flagra o futebol como uma arena em que seus personagens cumprem um destino trágico, a despeito — e mesmo por isso — de terem sido vazados numa atmosfera de ligeiro heroísmo. Mutilado do braço esquerdo por causa de um acidente de trem quando voltava para o subúrbio onde morava, Reinaldo, que trabalhava de servente (sic) no jornal onde o narrador escreve, era, entretanto, um excelente jogador de futebol de várzea.

Parece que ancorado na observação do narrador que a certa altura diz, se contrapondo a um

ditado popular não aplicável à circunstância em que ambos foram apresentados na vida — narrador e personagem — : “A gente tem que usar a mão que resta na vida”, ao invés de: “Uma mão lava a outra e ambas lavam o rosto” — que seria mais plausível para a situação de duas pessoas que vão se precisar mútua e profissionalmente (Reinaldo era uma espécie de office boy do jornal) —, o personagem compensa nos campos de futebol, com a excelência de sua maestria com a bola, a deficiência física que carrega na vida.

Conduzida com uma ironia simétrica ao destino do personagem, a narrativa pretende levar ao leitor a ideia de que o jogo da vida, também composto de lances inesperados e traiçoeiros, assim como o jogo de futebol, é bem mais difícil de ser jogado. Vide o desfecho que é dado à trama:

“Consta ter sido uma batida seca, definitiva. Nenhuma mancha de sangue tingiu o asfalto. Atirado ao longe, no chão, junto ao corpo ainda morno, o envelope gordo onde se lia: Urgente, em mãos”.

A radicalidade irônica da expressão “Urgente, em mãos”, diz tudo numa situação em que, sem as duas mãos, ferramentas de resto sempre necessárias ao enfrentamento da vida entre os humanos (ainda mais nesse caso em que o personagem era entregador de documentos), também não lhe valeram os pés, ainda que exímios na condução do jogo da bola.

Se, como dizem, o mundo é uma bola, o personagem deste conto de Lourenço Diaféria sequer teve a chance de trocar as mãos pelos pés, no seu particular enfrentamento do mundo.

### 2) A RÃ MISTERIOSA

Também escrito especialmente para a coleção Toque de Letra, da Companhia Editora Nacional, organizada por Miguel de Almeida, com a coletânea intitulada, *A vez da bola*, publicada em 2004, este conto é bem mais simplório do que “Urgente, em mãos”. Tanto do ponto de vista da situação da

trama, mais propensa a ter melhor rendimento estético no gênero crônica, porque se assenta naquelas veredas por onde costumeiramente se captam as coisas do cotidiano, quanto da resolução que é dada a ela, através de um texto fluido em que se quer expor, a partir do mote do esporte (aqui, de novo o futebol), o lado mais uma vez irônico e também risível dos contrastes da vida.

O personagem central é Petronilho, um senhor aposentado que ainda “bate sua bolinha com amigos”, mas ao invés de envergar, na foto, algum troféu por alguma façanha nos campos de pelada, esse nosso senhor do bisonho é flagrado, nesse texto quase-crônica, com um anuro nas mãos.

O tempero do texto, que não apresenta novidade alguma em termos de procedimentos estéticos aplicados ao conto, nesse caso só digno desta classificação por causa do desfecho criado com ligeira inventividade, fica por conta do seu tom jocoso e da novidade da situação criada. “Na mão direita, segura uma bola de futebol usada; na mão esquerda o anuro ainda vivo”. Talvez se não tivesse antecipado ao leitor o que significa o vocábulo “anuro”, e, portanto, enfraquecido a sua função diegética, para o caso, o texto rendesse mais em termos de efeito de sentido, conforme certamente nos asseguraria o mestre das estórias curtas, Julio Cortázar. ✦

### PARA LER MAIS

As histórias curtas do autor, acima, estão em: DIAFÉRIA, Lourenço; PIZA, Daniel; ANGELO, Ivan. *A vez da bola: crônicas e contos do imaginário esportivo brasileiro*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004. p. 7-9. (Coleção toque de letra. Série Lazuli).

Edônio Alves é jornalista, poeta e professor de Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB).

# Caminhos e Veredas

DA LITERATURA  
INFANTOJUVENIL DE

## Graciliano Ramos

**Neide Medeiros Santos**  
Especial para o *Correio das Artes*



*Se uma imagem vale por mil palavras, esta é reveladora do interesse de Graciliano Ramos pela literatura infantil*

**U**m texto enxuto e franco permeava os dois relatórios que o prefeito de Palmeira dos Índios, no interior de Alagoas, encaminhou ao governador do Estado em 1929 e 1930. Publicados no Diário Oficial (AL), a divulgação desses relatórios logo extrapolou as fronteiras alagoanas e chegou ao Rio de Janeiro. Foi fácil descobrir que o autor tinha um romance pronto na gaveta. Um pequeno excerto do 1º. Relatório já revelava as características estilísticas daquele que hoje é considerado um dos grandes escritores da língua portuguesa. ▶

► Na conclusão do 1º Relatório, o Prefeito de Palmeiras dos Índios, assim se expressa:

Procurei sempre os caminhos mais curtos. Nas estradas que se abriram só há curvas onde as retas foram inteiramente impossíveis. Evitei emaranhar-me em teias de aranha. (1992. p.23)

Como se pode verificar, o estilo direto, conciso e preciso se faz sentir nesta pequena amostragem. Embora anteriormente escrevesse e publicasse artigos em jornais e revistas, foram os dois relatórios do Prefeito de Palmeira dos Índios ao governador Álvaro Paes que lhe deram notoriedade nacional.

Em 1992, o prefeito da cidade do Recife, Gilberto Marques Paulo, através da Prefeitura da Cidade do Recife, da Secretaria de Educação e Cultura e da Fundação de Cultura da Cidade do Recife, por ocasião do centenário de nascimento de Graciliano Ramos (1892-1992), homenageou o seu “conterrâneo das Alagoas” publicando, em plaqueta, os dois relatórios apresentados pelo prefeito de Palmeira dos Índios.

Em 1933, Graciliano Ramos, o autor desses relatórios, publicou seu primeiro romance, *Caetés*, que estava engavetado há oito anos. Cioso e exigente com tudo o que escrevia, o escritor não gostou da obra inaugural, mas continuou escrevendo, e no ano seguinte publicou *São Bernardo* (1934), seguindo-se *Angústia* (1936) e *Vidas Secas* (1938).

Sempre preocupado com a função do escritor diante do mundo e pelo fazer literário, as personagens de seus romances revelam pretensões literárias, assim ocorre com João Valério (*Caetés*), Paulo Honório (*São Bernardo*) e Luís da Silva (*Angústia*). Fabiano, por sua rudeza, não apresenta veleidades literárias, mas em *Vidas Secas*, Seu Tomás da bolandeira representa o tipo de homem de letras fracassado.

Na linha memorialista, Graciliano deixou dois excelentes livros – *Infância* (1945) e *Memórias do Cárcere* (1953). Este último uma obra extensa, publicada postumamente, no ano da morte do autor. Se a infância representa para alguns os anos dourados



Graciliano “escreveu três histórias para crianças e jovens bem distintas que se caracterizam pela presença do fantástico, do popular e do irônico”

da vida, com Graciliano aconteceu o contrário, nessas memórias ele revelou a dor de uma infância sem amor e sem carinho. *Memórias do Cárcere*, apresentado em dois volumes, expõe o homem adulto perseguido por um regime totalitário (ditadura de Getúlio Vargas) e preso injustamente.

*Insônia* foi o único livro de contos, com 1ª edição em 1947. Letícia Malard, que assina o posfácio da edição da editora Record (2003), traz esta informação: os textos foram publicados durante nove anos: de 1937 a 1945. Os críticos têm destacado o profundo caráter psicológico e psicanalítico que perpassam por esses contos.

*Linhas Tortas e Videntes das Alagoas* reúne crônicas publicadas em jornais, revistas. Os dois livros tiveram edições póstumas. Essas crônicas apresentam características bem diversificadas, vão de assuntos sobre política, literatura, teatro, religião, futebol,

cangaço, destacando-se sempre o sentido crítico que marcou toda sua produção literária.

Graciliano foi também tradutor. Traduziu *A Peste*, de Albert Camus e *Memórias de um negro*, do escritor americano Booker Washington. Isso demonstra que dominava francês e inglês.

Em 1952, na companhia de sua mulher Heloísa, fez uma longa viagem pela Europa, visitando cidades da antiga União Soviética e outros países da Europa. As inúmeras anotações dessa viagem e o livro com o relato do que viu, observou e anotou também teve uma edição póstuma. *Viagem* foi publicado um ano após a morte do escritor (1954).

### O fantástico, o popular e o irônico na prosa infantojuvenil de Graciliano Ramos

Depois dessa rápida passagem pela prosa graciliânica, chega-se à literatura infantojuvenil, objeto de interesse maior. O escritor escreveu três histórias para crianças e jovens bem distintas que se caracterizam pela presença do fantástico, do popular e do irônico. Os três livros foram reunidos no livro *Alexandre e outros heróis*. A edição utilizada para esse estudo foi a 17ª. (1979), da Editora Record, com prefácio de Osman Lins e bonitas ilustrações em preto e branco de Moraes.

O livro *A terra dos meninos pelados*, publicado em 1937, é o primeiro livro da trilogia, recebeu o prêmio de Literatura Infantil do Ministério de Educação. O protagonista é um menino chamado Raimundo, ele não tinha cabelos, por isso era chamado Raimundo Pelado. Para completar sua desdita, tinha o olho direito preto e o olho esquerdo azul. Por ser diferente dos outros meninos, era discriminado e seu maior desejo era viver em um mundo em que todos se sentissem iguais. Isso aconteceu, mas dentro de um universo “fantástico”.

Foi subindo e descendo morros que Raimundo encontrou o país de Tatipirun. Lá tudo era maravilhoso, parecia o país de São Saruê, descrito no folheto de Manoel Camilo dos Santos: ninguém envelhecia, não havia doenças nem dentistas, as

▶ árvores e os animais falavam. Depois de viver muitas aventuras em Tatipirun, conhecer a princesa Caralâmpia e outros meninos iguais a ele, Raimundo sente que chegou a hora de voltar para casa, precisava estudar a lição de Geografia. É o retorno ao mundo real.

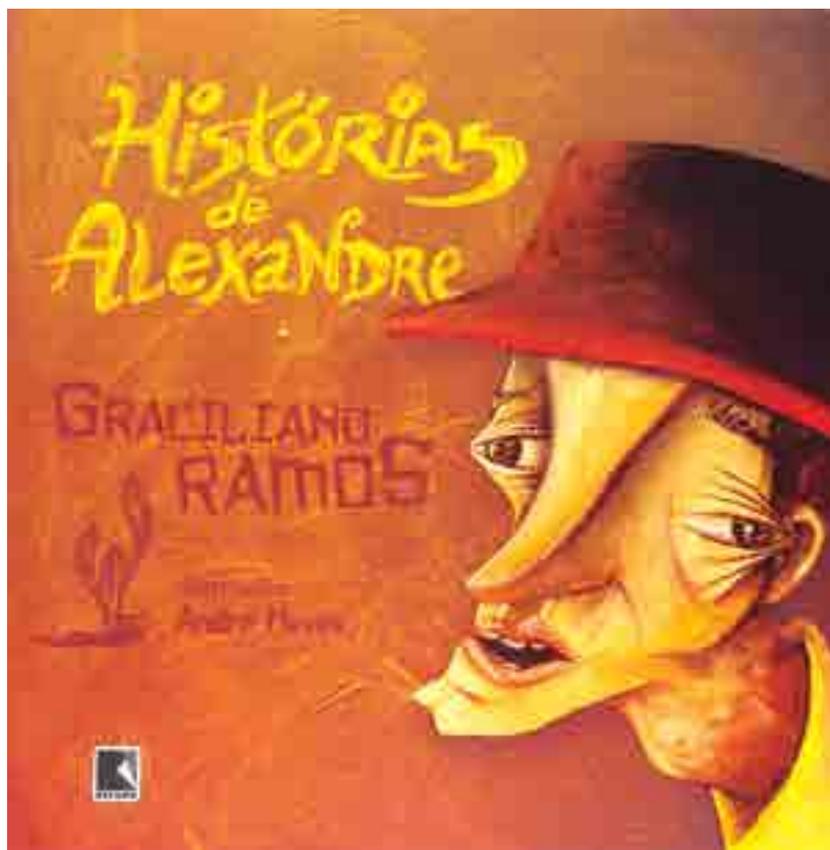
Como se pode verificar, com muita habilidade literária, Graciliano criou um país edênico - o país de Tatipirun e deu a Raimundo tudo que ele almejava - igualdade com os outros meninos que viviam na terra edênica.

A presença do popular se faz sentir em *Histórias de Alexandre* (1944). Nas palavras do escritor, são "histórias façanhudas" contadas por Alexandre, um contador de causos inverossímeis. No início do livro, vem essa advertência do autor: "As histórias da Alexandre não são originais, pertencem ao folclore do Nordeste, e é possível que algumas tenham sido escritas."

O romancista e crítico literário Osman Lins (1979:176), no percuciente ensaio, "O mundo recusado, o mundo aceito e o mundo enfrentado", considera que essas histórias, mais do que uma criação literária, encerrariam um valor antropológico.

Nas primeiras páginas do livro, o escritor apresenta os protagonistas: Alexandre e Cesária. Alexandre vivia no sertão do Nordeste, era meio caçador e meio vaqueiro, cheio de conversas, alto, magro e velho. Gostava de contar histórias e tinha um público cativo. Tinha um olho torto e falava cuspidando as pessoas, mas isso não afastava os ouvintes. A mulher, Cesária, fazia rendas e adivinhava os pensamentos do marido, concordava com todas as histórias mentirosas que ele contava. Alexandre era um misto de vaqueiro e contador de causos e inspirou Chico Anísio a criar Pantaleão, personagem tão fanfarrão quanto Alexandre. Para completar o quadro, Chico Anísio também criou Terta, a mulher de Pantaleão, que segue os mesmos caminhos de Cesária.

Para quem Alexandre contava suas histórias? Para Seu Libório, um cantor de emboladas, mes-



Edição de *Histórias de Alexandre* da Record, do Rio de Janeiro. O livro reúne "histórias façanhudas", segundo Graciliano

tre Gaudêncio, um curandeiro, das Dores, benzedeira e Firmino, um mendigo, cego e preto. Todos ouviam embevecidos as histórias contadas por Alexandre, até mesmo as mais mentirosas nunca eram contestadas, somente o cego Firmino, às vezes, duvidava, mas era logo repelido pelo contador que dizia: "O senhor que não vê, quer entender mais que os que têm vista. Assim é difícil a gente se entender, Seu Firmino. Ouça calado, pelo amor de Deus. Se achar falha na história, fale depois e me xingue de potoqueiro" (1979, p. 42). Firmino, humildemente, recuava e se calava.

É ainda Osman Lins quem afirma que, dentre os escritos de Graciliano, as histórias de Alexandre são as que carregam o maior coeficiente de expressões regionais, o que é compreensível. Contando histórias para pessoas simples, e sendo ele mesmo uma pessoa do povo, só poderia usar palavras e expressões condizentes com seus ouvintes.

*Pequena História da República* é diferente dos outros dois livros, mais parece um texto escrito para adultos. É o momento da ironia. O livro foi escrito em 1940 para concorrer a um concurso da revista *Diretrizes*, mas não foi

publicado nessa época. O Brasil vivia ainda sob o regime ditatorial e a censura não iria permitir essa ousadia. *Pequena História da República* só veio a lume em 1945.

Com este livro, Graciliano procurou trazer uma História do Brasil que fugia dos padrões da época, bem distante dos livros de História que circulavam nas escolas nos idos de 1940. O narrador apresenta-se como um historiador às avessas. Não existe a preocupação de enobrecer fatos e personagens, tudo é apresentado com uma visão exata, fiel e irônica.

A história começa com a Pro- ▶

▶ clamação da República (1889) e se estende até a Revolução de 1930, com a chegada de Getúlio Vargas ao poder, coincidindo com o ocaso da República Velha.

O ponto de partida é o relato dos fatos reais acontecidos na política brasileira, o escritor/historiador traça um retrato do Brasil nos primeiros anos de consolidação da República. Nada escapa ao olhar arguto do “Mestre Graça”. Os fatos mais relevantes dos governos são apresentados sem artificialismos nem condescendências. Na primeira parte da obra, intitulada “As coisas”, o destaque é dado para a sociedade brasileira nos últimos anos do século XIX e início do século XX. Algumas situações se assemelham às vivenciadas nos dias atuais:

As pessoas não voavam, pelo menos no sentido exato desse verbo. Figuradamente, sujeitos sabidos, como em todas as épocas e em todos os lugares, voavam em cima dos bens dos outros, é claro; mas positivamente, a mil metros de altura, o voo era impossível, que Santos Dumont, um mineiro terrível, não tinha fabricado ainda o primeiro aeroplano, avô dos que por aí zumbem no ar. (1979: p. 126).

Em seguida, descreve os homens que estavam no comando do governo brasileiro nos últimos anos do século XIX. O Brasil era governado pelo imperador D. Pedro II, homem de barbas brancas e longas que estudava hebraico, “língua difícil, inútil à administração e à política”. Era comum, naquela época, o uso de barbas longas. José de Alencar, “romancista enorme” também tinha “barbas enormes” e chegou a ser ministro. Só havia dois grandes partidos: o liberal e o conservador. Um deles estava no poder; o outro era oposição e dizia “cobras e lagartos dos governantes”. Sua Majestade derrubava os que estavam no governo e eram substituídos pelos descontentes, isto é, pela oposição. Depois tudo voltava a ser como antes.

Graciliano apresenta o ambiente social e político existente no fim do reinado de D. Pedro II, e passa a analisar os presidentes

brasileiros, começando por Deodoro da Fonseca, seu conterrâneo. O ultimato dado a D. Pedro II por ocasião da Proclamação da República para deixar o Brasil vem revestido de ironia e tragicidade. Diante da ordem de sair do país o mais rápido possível, vem a reação do monarca: “Estão todos malucos. Não embarco, não embarco a esta hora, como negro fugido”. (1979: p.137).

*Pequena História da República* é o momento da ironia na literatura infantojuvenil de Graciliano Ramos. A Proclamação da República é apresentada de forma caricata, os militares não conseguiam agradar ao povo e as revoltas se sucediam. Nos primeiros anos da República, existiu um clima de instabilidade política, somente com Campos Sales (1898- 1902) e Rodrigues Alves (1902-1906) o Brasil desfrutou uma paz relativa. Presidentes, ministros, o beato Antônio Conselheiro, que protagonizou a revolta de Canudos, ninguém escapa da mordacidade do escritor.

O Marechal Hermes da Fonseca que governou no quadriênio (1910-1914) foi quem mais sofreu. Os jornais foram implacáveis com este Presidente que era apresentado como burro, imbecil, o que provocou muitas anedotas em torno do seu nome. Havia ainda a insatisfação dos opositores – Hermes derrotara o gênio das letras e do direito – Rui Barbosa.

Em janeiro de 1919, morreu Rodrigues Alves e Rui Barbosa candidatou-se novamente à Presidência da República. Abdicou de representar o Brasil na Conferência de Paz, em Versalhes, para se dedicar mais à campanha política. Em seu lugar, foi enviado o senador paraibano Epiácio Pessoa. Sobre ele, afirma Graciliano:

Ora, foi exatamente esse político dum Estado pequeno que as raposas do sul contrapuseram ao baiano ilustre a quem se ofereceram todas as honras possíveis e a quem se recusou sempre o voto.

Quando Epiácio voltou da Europa, estava eleito e reconhecido. (1979, p. 163).

Rui Barbosa, mais uma vez, foi derrotado. Epiácio Pessoa foi eleito e estava ausente

do Brasil. Na expressão popular, pode-se dizer que foi “ironia do destino”.

A respeito da ascensão de Getúlio Vargas ao poder, mais uma vez não falta o viés irônico do pretense historiador: “Getúlio Vargas não era general: foi inculcado pelo sargento, pelo cabo, pelo instrutor da linha de tiro, pela tropa que em um mês engrossou de modo assustador com paisanos repentinamente militarizados” (1979, p. 171).

*Pequena história da República* é uma narrativa histórica. Nela, o autor apresenta os políticos brasileiros com suas falhas, seus defeitos e suas poucas virtudes. Os fatos não ocorreram exatamente como são narrados. Entrou a veia criativa do escritor. O livro traz a data de 10 de janeiro de 1940.

A professora Marisa Lajolo, estudiosa da literatura infantil e da obra de Monteiro Lobato, no livro *Literatura infantil brasileira: história e histórias* (2004) considera que Graciliano Ramos seguiu neste livro a mesma linha de Monteiro Lobato:

*A Pequena história da República* destoa do quadro geral das obras de fundo didático. Concebe, como ocorrera a Lobato, uma educação fundada em valores mais críticos na apresentação dos fatos. Graciliano não protege os acontecimentos, atenuando-os com panos quentes, nem protege o leitor, que considera em pé de igualdade e com o qual discute ideias consagradas. (2004, p. 80).

Observa-se que na produção infantojuvenil, Graciliano criou um mundo cheio de fantasia - *A terra dos meninos pelados*, partiu depois para um mundo rural, com predomínio de uma linguagem popular/regional - *Histórias de Alexandre*, culminando com um olhar irônico sobre os políticos brasileiros e a História do Brasil - *Pequena história da República*. Neste último livro, aflora o “realismo crítico”, presente em outras obras do escritor. ■

**Neide Medeiros Santos** é professora, crítica literária e especialista em literatura infantojuvenil. É colunista do jornal *Contraponto*. Mora em João Pessoa (PB).

# Dois Fatos sobre a *Ilíada*



**A** *Ilíada* é um poema inesgotável, quanto mais o lemos, mais temos algo a dizer. Neste ensaio, procuraremos desenvolver dois fatos sobre esse poema homérico. O primeiro diz respeito à veracidade de Guerra de Troia; o segundo, à questão da individualidade ou da coletividade, que move os heróis a essa guerra.

Muitos se perguntam sobre a veracidade da Guerra de Troia, procurando saber se ela existiu ou não. Troia é mito ou realidade? Afirmamos que são as duas coisas. Troia é uma realidade arqueológica, desde o momento em que Schliemann, em 1869, dá à luz o seu primeiro livro sobre o assunto – *Ítaca, o Peloponeso e Troia*. Troia é mito, quando se trata daquela que Homero faz surgir de seu poema *Ilíada*. Houve uma Guerra de Troia, como a narrada por Homero? Não, não houve e discutiremos isto adiante.

Primeiramente, é preciso dizer que deve ter havido muitas guerras em Troia, visto que a cidade ou as cidades existiram e ocuparam uma posição privilegiada no Mar Egeu. As escavações arqueológicas, desde Heinrich Schliemann, indicam que existiram, ao menos, nove cidades superpostas, praticamente à margem do Helesponto, na Ásia Menor. Atual-

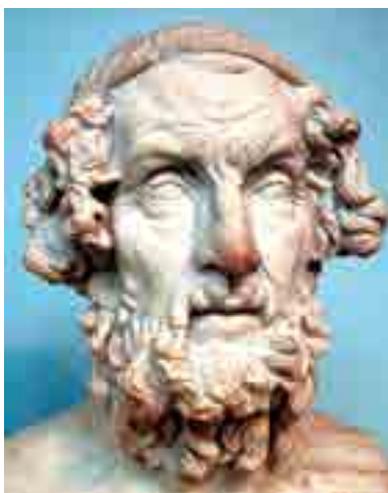
mente, a região é a da planície de Hissarlik, na Anatólia, Turquia, situada no Estreito de Dardanelos. O que se supõe ser a Troia que mais se assemelha à homérica é a Troia VII, pois teria sido destruída pelo fogo, como vemos na *Eneida* (Livro II) ou em tragédias, como *Hécuba* e *As Troianas*, ambas de Eurípides. O que garante a existência de guerras na região é o fato de que Troia se situava numa posição estratégica, dando acesso ao Mar de Mármara e, dali, ao Mar Negro, região muito cobiçada, ainda hoje, pelas suas riquezas. A posição estratégica, por sua vez, enriquecia a cidade, devido ao controle que ela exercia nos navios que por ali transitavam, pagando pedágio. Podemos afirmar, então, que existiram guerras em Troia. Já a Guerra de Troia, que ficou no imaginário, por causa dos poemas homéricos, esta é mítica e pura criação ficcional, para atender aos anseios culturais do mundo arcaico, cuja base é a monarquia aristocrática e a narrativa oralizada de seus feitos. Vale ressaltar, no entanto, que a aristocracia de que nos fala Homero é heroica, de ascendência divina ▶



*Corpo de Heitor sendo levado de volta a Troia. Alto relevo em mármore - detalhe de um sarcófago romano do século II -, atualmente no Museu do Louvre, em Paris, França*

▶ e, portanto, mítica. Mas a discussão não acaba aqui.

Em seguida, gostaríamos de situar o assunto no seu devido lugar, dizendo que a Guerra de Troia, que leva à destruição da cidade, só existiu em sua plenitude em outras narrativas, não a homérica. Podemos encontrar o fim da Troia homérica no Livro II da *Eneida*, de Virgílio (século I a. C.), mas a partir do estratagem do Cavalo de Troia até a fuga de Eneias, ordenada pelos deuses, para fundar nova Troia; ou podemos ler o resultado dessa destruição nos textos já citados de Eurípides, sobretudo no belíssimo *As Troianas*. Se quisermos saber dos detalhes da ruína da cidade de Príamo pelos Argivos (sempre lembrando que Homero nunca se refere a Gregos, mas a Argivos, Dânaos, Aqueus, Aquivos, Acaios...), a partir do ponto em que Homero parou na *Ilíada* – os funerais de Heitor –, devemos recorrer ao poema de Quintus de Smirna (século III a. D.), conhecido como *A sequência de Homero* (Οἱ μεθ’ Ὀμηρον λόγοι), longo poema em 15 Cantos, que nos leva até o momento da volta dos vencedores Argivos a seus reinos, ou valer-nos de Trifiodoro, poeta da primeira metade do século IV a. D., que se inspirou nos Cantos XIV e XV do poema de Quintus de Smirna, para compor o seu *A tomada de Troia* (“Ἀλωσις Ἰλίου”). Se quisermos saber algo dos primórdios que levariam à guerra, temos que ir a *Ifigênia em Áulis*, de Eurípides (século IV a. C.). Para um episódio específico durante a guerra homérica, ficaremos ainda com Eurípides, cuja tragédia *Rhesus*, tem como temática a conhecida *δολώνεια*, a morte de Dólón e do rei dos Trácios Rhesus por Odisseus e Diomedes, e que corresponde ao Canto X da *Ilíada*. Já se quiser-



Representação idealizada de Homero feita no período helenístico (Museu Britânico)

mos saber dos desdobramentos da guerra e das consequências para Agamêmnon, a *Odisseia* nos dirá em várias passagens, cujo somatório bem corresponde a dois dos cantos desse poema, ou desbravaremos a trilogia *Oresteia* (*Agamêmnon*, *Coéforas* e *Eumênides*), de Ésquilo (século V a. C.). Ovídio não pode ficar de fora dessa lista. Nas *Metamorfoses*, do final do Livro XII e por todo o Livro XIII, temos uma *súite troiana*, cujos desdobramentos vão de alguns eventos da Guerra de Troia, passando pela morte de Aquiles, dando origem à disputa pelas suas armas, entre Odisseus e Ajax (versos 560-628), até os detalhes dessa disputa, sobretudo a disputa verbal entre os dois heróis, para culminar com a fuga de Eneias, ordenada pelos deuses (Livro XIII). É uma bela síntese da guerra de Troia, em toda a sua dimensão, sobretudo a dor de Hécuba, haurida por Ovídio nas já citadas peças de Eurípides – *Hécuba* e *As Troianas*. Para

conhecermos um dos motivos da destruição e que se encontra em uma origem bem remota, com relação à guerra, o jeito é ler um *epílion*, poemeto tardio de Coluthos, *O rapto de Helena*, do século V-VI da era cristã. E fiquemos por aqui, pois a lista é longa e quase inesgotável. Referimo-nos apenas ao que está ao alcance da mão, numa rápida incursão às prateleiras da nossa biblioteca.

A pergunta que deve ser feita é: Como se dá a Guerra de Troia, em Homero? Digamos que se dá de modo fragmentado, pois a *Ilíada* não trata da Guerra de Troia, mas da fúria funesta de Aquiles, fúria que assoma no início do décimo ano do cerco a Troia, durante um período que não excede a 50 dias. Isto mesmo, os 24 Cantos do poema, estendendo-se por quase 15000 versos, atêm-se a um período inferior a dois meses. Dentro desse período, se dão grandes combates, em justos quatro dias!<sup>1</sup> O leitor que procura apenas fruir o texto homérico, sem a preocupação de estudá-lo – outro nível de fruição –, raramente se dá conta desse detalhe, tendo em vista que a linguagem grandiloquente o engana completamente, fazendo-o ter a impressão de que ele tem mais do que aquilo que lhe é dito. Abstraindo-se os diálogos, as genealogias desfiadas, as assembleias de deuses e heróis, as alterações desafiadoras, o embate entre as falanges é mínimo, mas intenso, intensidade garantida pela expressividade da linguagem, representando um mundo de deuses, de heróis, grandioso e mítico.

Os combates estão fragmentados entre os Cantos IV-VIII, XI-XXII, dezessete cantos, considerando ainda que mais metade do Canto IV é composto pela revista da tropa e seu incitamento, por parte de Agamêmnon<sup>2</sup>; que no Canto VII só há um combate, o de Heitor contra Ajax, mas que termina sem vencedor nem vencido<sup>3</sup>; que os combates no Canto XVIII vão até o verso 238, sendo restante, praticamente, dedicado à fabricação das armas de Aquil-

<sup>1</sup> Do Canto IV ao Canto VII, passa-se um dia apenas. Do Canto VIII ao X, passa-se um dia também, constituindo o segundo dia de combates. Ressalte-se que a embaixada a Aquiles, no Canto IX, e a incursão de Odisseus e Diomedes aos acampamentos troianos, no Canto X, se passam na mesma noite. Os Cantos de XI a XVIII constituem, por sua vez, o terceiro dia de combates, enquanto os Cantos de XIX a XXII formam o quarto dia de lutas.

<sup>2</sup> O Canto IV tem 544 versos. Os embates entre as tropas começam a partir do verso 446.

<sup>3</sup> O Canto VII tem 482 versos.

<sup>4</sup> O Canto XVIII tem 616 versos.

les<sup>4</sup>, e que o Canto XXII só tem o combate singular entre Aquiles e Heitor. Depois disso não há mais guerra.

A intenção de Homero, bem clara no próêmio, portanto, não é cantar a Guerra de Troia, mas como aconteceu a fúria funesta de Aquiles, para Troianos e para Argivos, dentro daquele período de cerco à cidade de Príamo. A fúria tendo chegado ao seu auge, com a morte de Heitor (canto XXII) e cessada com a devolução do seu cadáver ao seu pai, Príamo (Canto XXIV), Homero cumpriu o que anunciou no próêmio – os oito primeiros versos da *Ilíada* mais a metade do nono – e fecha o seu poema com os funerais de Heitor, não antes de anunciar que a guerra vai continuar e que Aquiles fará parte dela. Mas isto já é assunto para outros poetas e outras narrativas.

O segundo fato diz respeito à participação de Aquiles na guerra. Muita se fala de coletividade e do herói que representa essa coletividade. Isto pode ser verdade para Heitor, na *Ilíada*, e para Eneias, na *Eneida*, até para o nosso Vasco da Gama – o peito ilustre Lusitano! a quem Netuno e Marte obedeceram, como diz Camões, em *Os Lusíadas* I, 3, 5-6 –, mas não é verdadeiro para Aquiles.

Sabemos, desde o Canto I da *Ilíada*, canto seminal, que Aquiles está na guerra, em busca da glória imperecível (κλέος ἄφθυτον) e, para isto, ele terá que morrer, jovem, em combate, a morte gloriosa, como morrem Pátrocles (Canto XVI) e Heitor (Canto XXII). Esta busca da glória é o que faz o herói Pelida retirar-se da guerra, no Canto I, depois da querela com Agamêmnon e só retornar no Canto XX<sup>5</sup>: sem honra (τιμή), um herói não pode mostrar a sua virtude guerreira (ἀρετή), o que lhe garantirá a sua excelência no combate (ἀριστεία) e os prêmios a mais, que o distinguem dos demais bravos



Heinrich Schliemann  
(1822-1890) descobriu  
sítios arqueológicos  
micênicos, como Troia e a  
própria Micenas

(γέρας). Morte anunciada a cada passo do poema e cujo ponto culminante é o anúncio completo por Heitor, pouco antes de morrer: Aquiles será morto pelas mãos de Páris e de Apolo, diante das portas Escaias de Troia (Canto XXII, versos 359-60).

Por outro lado, vemos como, na querela com Agamêmnon, Aquiles diz textualmente nada ter contra os Troianos, pois eles nunca lhe fizeram mal ou a seus rebanhos, além de ter montanhas e mar os distanciando e dividindo (Canto I, versos 152-159). Aquiles se encontra ali pela honra de Menelau, mas, sobretudo, pela sua glória pessoal, não podendo, portanto, ser visto como um herói que simboliza uma coletividade. Mesmo a coletividade de guerreiros, comandada pelo Senhor dos heróis, Ὁ Ἄναξ Ἄνδρῶν, Agamêmnon, encontra-se em Troia para, aparentemente, punir a honra ultrajada dos Argivos. Na realidade, ali estão pelas riquezas troianas (Canto I, versos 122-129) e pela honra

ultrajada de Menelau, causada pelo rapto de Helena por Páris. Os cem mil aliados, que formam os Argivos, vêm de muitas cidades-reinos, com interesses diferentes. Muitos, porém, estão presos a um juramento antigo feito a Tíndaro, pai putativo e terreno de Helena, quando do seu casamento com Menelau, o grande juramento pelos deuses, ο μέγας ὄρκος, que não se deve quebrar. Dentre os reis, Aquiles é o único que não prestou tal juramento.

Quando Aquiles resolve voltar à guerra, no Canto XVIII, o motivo é a morte de Pátrocles, seu dileto companheiro, por Heitor. Seu primeiro intuito é voltar para vingar-se, sem qualquer desejo de continuar na guerra. Ao receber as novas armas fabricadas por Hefestos é que Odisseus aproveita para dar início a uma paz com Agamêmnon (Canto XIX), ao vesti-las (versos 357-364). Aquiles retornará à guerra só depois de morto Heitor (canto XXII), pois é por ocasião dos funerais de Pátrocles que ele celebra definitivamente a paz com Agamêmnon (Canto XXIII) e anuncia a continuidade da guerra a Príamo, desta vez com a sua presença (Canto XXIV). Ora, ainda que retorne à guerra e tenha feito as pazes com Agamêmnon, Aquiles o está fazendo pela sua glória pessoal e individual, não pelos Argivos. Observe-se que no seu retorno à guerra (Canto XX), para equilibrar as forças, Zeus suspende a proibição de os deuses tomarem partido (Canto VIII), liberando-os para defender o lado que lhes aprouver. A liberação é mais para a proteção e união dos Troianos do que dos Argivos; é mais para evitar a destruição prematura de Troia por Aquiles e o conseqüente descumprimento do destino (Canto XX, versos 26-30). Zeus deixa bem claro que o herói, mesmo combatendo sozinho contra os Troianos, eles não conseguirão detê-lo. E de fato, Aquiles luta só, sem necessitar de uma retaguarda apoiando-o, mesmo que de sua parte haja um incitamento aos companheiros (versos 354-

<sup>5</sup> A participação efetiva de Aquiles, na guerra, dentro da *Ilíada*, é do Canto XX ao XXII. Excetuando-se, claro a referência que ele faz à destruição de 23 cidades circunvizinhas a Troia, em tempo anterior ao que se narra no poema, sendo doze pelo mar e onze em terra (Canto IX, versos 328-9).



*Heinrich Schliemann em Micenas. O arqueólogo alemão foi um defensor da realidade histórica dos topônimos mencionados nas obras de Homero*

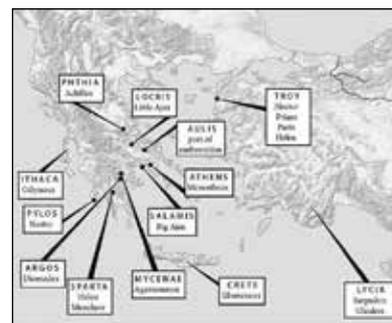
▶ 363), mas aos nossos olhos parece mais retórico do que qualquer outra coisa, visto que os Cantos XX e XXI podem ser definidos como a guerra de Aquiles contra os Troianos. Temos a impressão de não existir uma máquina de guerra por trás de Aquiles, como existe na glorificação de Heitor, entre os Cantos VII e XVIII. Não existe porque Aquiles é a própria máquina de guerra. O único momento em que Aquiles necessita de ajuda é quando Hera faz recuar o rio Xantos, que tenta afogá-lo (Canto XXI). A ajuda se dá para que o destino possa se cumprir. Assim, Aquiles luta por si, pelo seu destino e pela sua glória. Já vimos, anteriormente, que nem o recuo e acuo das tropas Argivas, com seus principais comandantes feridos – Agamêmnon, Odisseus, Diomedes, Eurípilo, Macão (Canto XI) –, o sensibilizaram. Amarrado ao ressentimento, legítimo, contra Agamêmnon, Aquiles se recusou a retornar à guerra, deixando Pátrocles ir em seu lugar (Cantos XI-XVI).

O caso de Heitor é diferente. Os cinquenta mil combatentes, entre Troianos e aliados, que estão sob o comando de Heitor, defendem a região, não só Troia, mas a Tróade, a Frígia, a Lídia, a Cária, a Mísia, a Ásia Menor, en-

fim, contra o poderio dos Argivos. Se os Argivos ou Aqueus se encontram em Troia, para a sua destruição e em busca de ricos espólios, os Troianos estão para a defesa de seu espaço, contando com os aliados para isto. O sentido de coletividade que Heitor representa é tão nítido, quanto a individualidade de Aquiles. Ao contrário deste, Heitor é insuflado e protegido pelos deuses, causando uma devastação nas falanges argivas, contando para isto com o apoio de suas próprias falanges. O único momento em que Heitor combate sozinho é no Canto XXII, mesmo assim, depois de colocar a salvo dentro das muralhas os seus comandados e esperar Aquiles para o combate, restando como a última defesa da cidade. E mais, sua morte, defendendo a coletividade, ainda tem um sentido coletivo: ficar como exemplo para as gerações futuras (versos 304-305). O Canto XXII precisa ser relido...

É interessante notar que Homero nos passa essa falsa impressão de coletividade em defesa de uma nação, quando, no Canto IV, mostra a união dos Argivos, comandados por Agamêmnon – uma única voz, em uma única língua, que atinge e lidera a todos, dando as ordens repassadas pelos comandantes de falanges –, cujos soldados seguem na ordem, no silêncio e em profundo respeito aos seus comandantes (versos 422-433); enquanto do lado dos Troianos, impera o clamor, proveniente das várias línguas dos povos de muitas terras (versos 433-438). No entanto, a luta dos povos dessas várias cidades-reinos é em prol da defesa da Ásia Menor, não só de Troia, não é para a manutenção de Helena. Além disso, existe uma Troia e existem Troianos, em Homero, mas não existe uma Grécia ou Gregos. Esse mundo helênico ou pan-helênico apenas se esboça na *Ilíada*. ▼

**Milton Marques Júnior** é professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mora em João Pessoa (PB).



*De cima para baixo, imagens de (1) Tróade, (2) Mar Egeu, Grécia e Troia, (3) Origem dos Heróis e (4) Catálogo dos navios*



FOTOS: REPRODUÇÃO INTERNET

*Os girassóis são um dos temas característicos da obra do pintor holandês Vincent van Gogh (1853-1890)*

◀ crônica

# Girassóis

**Raquel Naveira**

Especial para o *Correio das Artes*

**A**té julho, é temporada de girassóis em minha cidade. Tornou-se atração turística o mar amarelo de flores na fazenda ao lado da termelétrica. Noivos, amigos, mulheres deixam-se fotografar entre corolas e abelhas.

Para minha geração, vem imediatamente à memória o filme *Os girassóis da Rússia*, do diretor italiano Vittorio De Sica. A comovente história de amor entre Giovanna, interpretada por Sophia Loren, e Antônio, por Marcello Mastroiani. Giovanna e Antônio estão casados há apenas doze dias quando irrompe a Segunda Guerra Mundial. Ele é enviado com as tropas de Benito Mussolini para uma frente de batalha na Rússia. Ela fica em Nápoles, ansiosa por seu retorno. Passam-se anos. Ela, mortificada pela saudade, parte para a Rússia à procura do amado. Cruza pontes, rios, nevascas e campos forrados por girassóis. Como esquecer o semblante dessa diva exuberante, tomada de >

► intensa emoção e lágrimas, pe-  
leando com os enormes caules  
de girassol? Ao fundo, a música  
indescritível de Mancini, cheia  
de acordes melancólicos como  
suspiros. Para decepção de to-  
dos, ele formara nova família,  
deixando-se envolver por ven-  
tos e circunstâncias de mudan-  
ça, provando talvez que muito  
maior é a dimensão do amor no  
coração de uma mulher.

Van Gogh foi chamado de “o  
pintor de girassóis”. Ele afir-  
mou certa vez “ter um pou-  
co de girassol.” Na aldeia de  
Arles, na França, encontrou a  
explosão do amarelo, as altas  
notas na paleta das cores. Com  
o objetivo de decorar seu ateliê,  
pintou uma série de sete  
quadros de girassóis. Buquês  
em jarras à luz da alvorada,  
com a textura de pinceladas  
velozes, criando cabeças de gi-  
rassol recheadas de sementes.  
Vasos com três, cinco, doze e  
até quinze girassóis. Com esse  
elevado tom de amarelo a que  
chegou naquele verão fran-  
cês, superou limites de beleza.  
Captou a transitoriedade da  
vida, a magia dos pedaços de  
veludo e as nesgas de sol.

O girassol é nostálgico. De-  
voto que se ajoelha diante do  
astro-rei acompanhando sua  
trajetória no céu. Símbolo per-  
feito para o eufórico, depressi-  
vo e bipolar Van Gogh. Como  
os artistas amam e se identifi-  
cam com os girassóis! O poe-  
ta Manoel de Barros escreveu  
que a dor ao ver soldados can-  
tando por estradas de sangue,  
o fazia também abaixar a cabe-  
ça e ver os girassóis ardentes  
de Van Gogh. O heterônimo  
de Fernando Pessoa, Alberto  
Caeiro, declarou ter o olhar  
nítido como um girassol. E a  
poeta carioca, Sonia Sales, em  
seu livro *Girassóis maduros*, viu  
enxertos de girassóis com an-  
dorinhas fazendo ninhos co-  
bertos de flores.

Conta a lenda da mitologia  
grega, que a ninfa Clícia se me-  
tamorfoseou nessa flor adora-



*O filme Os girassóis da  
Rússia, de Vittorio De Sica,  
narra a comovente história  
de amor entre Giovanna  
(Sophia Loren) e Antônio  
(Marcello Mastroianni)*

dora, devido à sua paixão cega  
e desvairada por Hélios ou Apo-  
lo, o deus sol. Uma história de  
rejeição, tristeza e ciúme, pois  
ele a preferira por outra.

Às vezes, como Clícia, penso  
que carrego um fardo enorme.  
Meu corpo se curva e retorce  
como um girassol amargurado.  
De repente, quando vejo o sol  
lá no alto, abro-me em pétalas,  
ergo a face cansada e me entrego  
como oferta viva, pura, alma  
sedenta de luz.

É temporada de girassóis  
em minha cidade. Logo es-  
tarão prontos. Cessará toda  
reverência e movimento. Fica-  
rão paralisados na posição da  
nascente. Serão ceifados pelas  
colheitadeiras que os transfor-  
marão em produtos oleosos e  
quentes. Já é óleo grosso o que  
escorre em ondas de energia  
pelas minhas veias, enquanto  
sinto douradas vibrações. ❖

**Raquel Naveira** nasceu  
em Campo Grande (MS),  
onde reside, no dia 23  
de setembro de 1957. É  
escritora, comunicadora,  
conferencista, militante  
cultural, pesquisadora  
e professora. Pertence  
à Academia Sul-Mato-  
Grossense de Letras, entre  
outras instituições culturais.  
Escreveu vários livros, entre  
eles: *Casa de tecla* (poemas,  
Escrituras, 1999, finalistas  
do Prêmio Jabuti de Poesia)  
e *Caminhos de bicicleta*  
(crônicas, Miró, 2010).



# Crepúsculo

**Paulo Melo**

Especial para o *Correio das Artes*

*Para Maria Catarina Melo, in memoriam*

- **P**orra, cadê o balde para aparar essa goteira!  
 O dia amanheceu chuvoso, sombrio e tudo indicava, pelo cerrado do céu, que continuaria assim por muitas horas. E pela segunda vez o dr. Ever gritava para d. Francisca, incomodado com o barulho dos pingos que caíam sem cessar e cada vez mais intensos, formando uma poça d'água no canto da ampla sala. Estava ele ali, sentado na ponta do sofá, pronto para erguer-se com o apoio da bengala, com o jornal espalhado pelo chão, imaginando que o vasilhame iria lhe dar a concentração necessária para retomar a sua leitura rotineira. E enquanto a fiel empregada não aparecia, ele voltou a pensar mais uma vez quando tomaria ânimo para providenciar não

só aquele conserto, como muitos outros que aquela outrora confortável casa estava a precisar fazia uns bons invernos.

As horas se passaram e contrariando as expectativas, quando chegou perto do meio-dia, as chuvas cessaram e o sol surgiu. Nesse momento, tocou a campainha, uma, duas, três vezes. Não esperava ninguém e berrou para que d. Francisca atendesse o chamado. A obesa empregada caminhou lentamente pelo jardim e tentou, com um molho de chaves, abrir o portão, fechado a cadeado. Pela altura do muro, de mais de dois metros, não dava para perceber quem estava do lado de fora.

- Um momento, estou tentando encontrar a chave.

Depois de malogradas tentativas, a dedicada d. Francisca, reconhecendo a voz de um dos amigos do dr. Ever, pediu que ▶

► ele se dirigisse ao portão dos fundos, então fechado apenas por um pesado ferrolho. Pelo diálogo que se seguiu na calçada, ela percebeu que era mais de um visitante. Quando abriu o portão de trás, viu que eram três, dos quais dois não eram de seu conhecimento.

No caminho, passaram ao lado da piscina que, coberta de folhas e com as bordas encardidas e azulejos rachados, parecia sem cuidados e sem manutenção já de um bom tempo. E pela observação de d. Francisca, bote tempo nisso:

- Tá lembrado, dr. Mairo, das cervejadas daqueles tempos. Que tempos, hein! As latinhas recolhidas davam para matar a fome de muita gente.

Os visitantes aguardavam o amigo de longa data fazendo observações sobre o estado em que se encontrava o jardim, praticamente dominado por um grama alta e irregular. No centro, circundadas por uma pequena mureta, restava ainda uns poucos vasos de crisântemos que com o prolongamento das chuvas pareciam esconder seus brotos na certeza de que em breve pudessem desabrochar e ganhar vida. A atenção deles foi de repente desviada pelo ranger da porta principal que estava sendo aberta pela d. Francisca, fazendo surgir a figura um tanto claudicante do dr. Ever, amparado pela sua inseparável bengala.

- Oh, caro Mairo, é você, que boa surpresa.

- Tô aqui, vim trazer o Pocaji e o Laupo para uma conversa rápida. Estão de passagem, matando saudades.

- Vamos sentar. Quanto tempo!

Na verdade, o tempo a que dr. Ever se referia não era apenas aquele em que não se encontrava com eles, sobretudo os de fora e em especial o Pocaji, cuja voz ele parecia reconhecer, quando, por trás da janela do terraço, tentava adivinhar quem eram esses que, sem nenhum aviso, vinham incomodá-lo, no seu retiro e na sua solidão. Era um período do dia em que se dedicava à música e, na ocasião, ouvia o piano irresistível de Bill Evans. Passava horas

ao som de Tenderly e de Night and Day. Como não se lembrava de quando tinha recebido uma só visita (e nem quando visitara), por um momento ficou a pensar com que objetivo aquelas pessoas estariam ali. Sem muito ou mesmo nada a contribuir ou oferecer profissionalmente, e muita gente sabia disso, o que diabo aquelas figuras pretendiam. Tripudiá-lo pelo estado de decadência que presumivelmente poderiam achar em que ele se encontrava? Para lhe propor alguma coisa que pudesse considerar como indecente? Arrancar dele alguma confissão que pudesse comprometer alguém ou mesmo algum figurão do momento? Enfim, o que estariam ali fazendo? Não, não lhe parecia que algo de animador poderia lhe acontecer.

Desde que se aposentara, e lá se vão mais de cinco anos, que praticamente vivia recluso. Tinha abandonado por completo a vida social, ele que, por décadas, fez dela e com ela a sua existência, tanto pessoal quanto profissional e era a forma mais adequada e consistente que encontrara para compensar seus ressentimentos pelas origens e particularmente pelo seu problema com a deficiência física, mais ainda do que a cor da pele que, com o tempo e com o sucesso na imprensa, passou a lidar sem maiores tormentos.

Era de origem humilde, posto que filho de pais desconhecidos e adotado por uma família de usineiros, de quem se separara por divergências políticas. De cabelos crespos e cor amulatada, que não escondia sua ascendência negra, teve, ao longo da vida, dificuldades em lidar interiormente com a perna esquerda mais fina e menor que a outra, até por que o inibia nos seus desejos eróticos. Desde a adolescência, no entanto, fez da dedicação ao trabalho e de sua inteligência privilegiada seus escudos protetores, tendo concluído o curso de direito e aprovado em concurso do promotor público, função que nunca chegou a exercer, pois, logo após a posse, passou a ser requisitado para funções na administração estadual. Com esses atributos, se impôs profissionalmente, se bem

que nessas últimas com pouca frequência e resultados pífios.

A solícita d. Francisca abre a janela e faz uma oferenda.

- Aceitam uma água, posso preparar um cafezinho.

O papel que d. Francisca desempenhava era muito mais que de uma simples doméstica. Cuidava de um tudo na vida do dr. Ever e as más línguas não hesitavam em afirmar de tudo e de mais ainda, se é que o patrão ainda dava para alguma coisa. Essa situação começou logo que a dona da casa deixou o marido e foi viver em Recife com um roteirista de comédias eróticas. Na época, já mais que cinquentona, ainda era uma mulher fogosa que não se conformava com a indiferença e a friidez do marido. Para piorar a situação, o filho, então com seus trinta anos, resolveu assumir a sua homossexualidade e, apesar de ter a compreensão da mãe, passou a sofrer de um ódio ilimitado do pai. Não demorou muito e deixou a família e a cidade e foi morar no Sul do país, de onde mantinha contatos com a mãe, mas não queria saber notícias do severo e inconformado pai. Certo dia, d. Francisca recebeu dele uma carta. Estava em Londrina e tinha saudades dela. O pai mandou que tocasse fogo naquele papel cheio de imundícies, se não ele o usaria para limpar as suas necessidades na privada.

E assim vivia o dr. Ever. Abandonado pela mulher, ignorado pelo filho, esquecido pelas autoridades e desprezado pelas grã-finas que outrora lhes deram nome e alguma fortuna em troca de fotos e notícias, não raras intrigantes, em sua prestigiada coluna. Sobrava a lembrança de uns poucos amigos, entre ele o sempre amável e generoso Mairo e, mesmo assim, com contatos esporádicos. Em último caso, de fato, era só com a d. Francisca que contava.

Aos visitantes a aparência do dr. Ever não parecia das mais saudáveis, mas procuraram a todo custo dissimular essa impressão. A conversa se prolongou por uns bons trinta minutos e toda ela girando com histórias, fatos, anedotas e lembranças de ►

► trinta quarenta anos atrás. Toda ela temperada pelo proverbial humor e ironia de Mairo, pelo indefectível charme e espirotuosidade de Pocaji e pelas observações curtas e certeiras de Laupo. Na primeira metade do tempo, dr. Ever manteve-se monossilábico e intervindo mais para dizer que não se lembrava muito do que ali era dito e comentado. Mas no decorrer daquele que ia se tornando um animado colóquio, o dr. Ever passou por uma gradual e crescente metamorfose. Com o carinho dos visitantes, a atenção que lhe era dada e o despertar da narrativa para momentos que lhe eram caros, ele criou ânimo e procurou se envolver mais, chegando a tomar iniciativas em temas que sabia ser de interesse de todos.

- Estou um tanto abastêmio, mas nem por isso posso deixar de oferecer um whisky, ou um vinho se preferirem. Se prevenido fosse, teria latas de cerveja na geladeira. Nunca deixou de ser a preferência do nosso Mairo.

Dito isso, dr. Ever parecia outro homem. Aquela visita, de início preocupante pela surpresa, tornou-se acalentadora, trazendo-lhe um conforto que de há muito não sentia. O seu olhar e seus gestos, mais que quaisquer palavras, revelavam a satisfação que vivenciava. Não se lembrava de quando isso lhe tinha acontecido. Pensou em dizer do enorme prazer que lhe propiciavam quando viu que os visitantes trocaram olhares de ansiedade. Mairo olhou o relógio e fez menção de se levantar. Compromissos assumidos forçavam a despedida. Se despediram e por d. Francisca foram levados à saída, agora pelo portão da entrada principal da casa. Dr. Ever, apoiado na bengala, tinha ficado no alpendre. Quando se voltaram para um aceno derradeiro, dr. Ever já não estava mais lá, tinha entrado na casa, deixando a porta aberta. O som de Night and Day, até então na penumbra, subiu de volume, como que encerrando um inesperado e melancólico episódio.

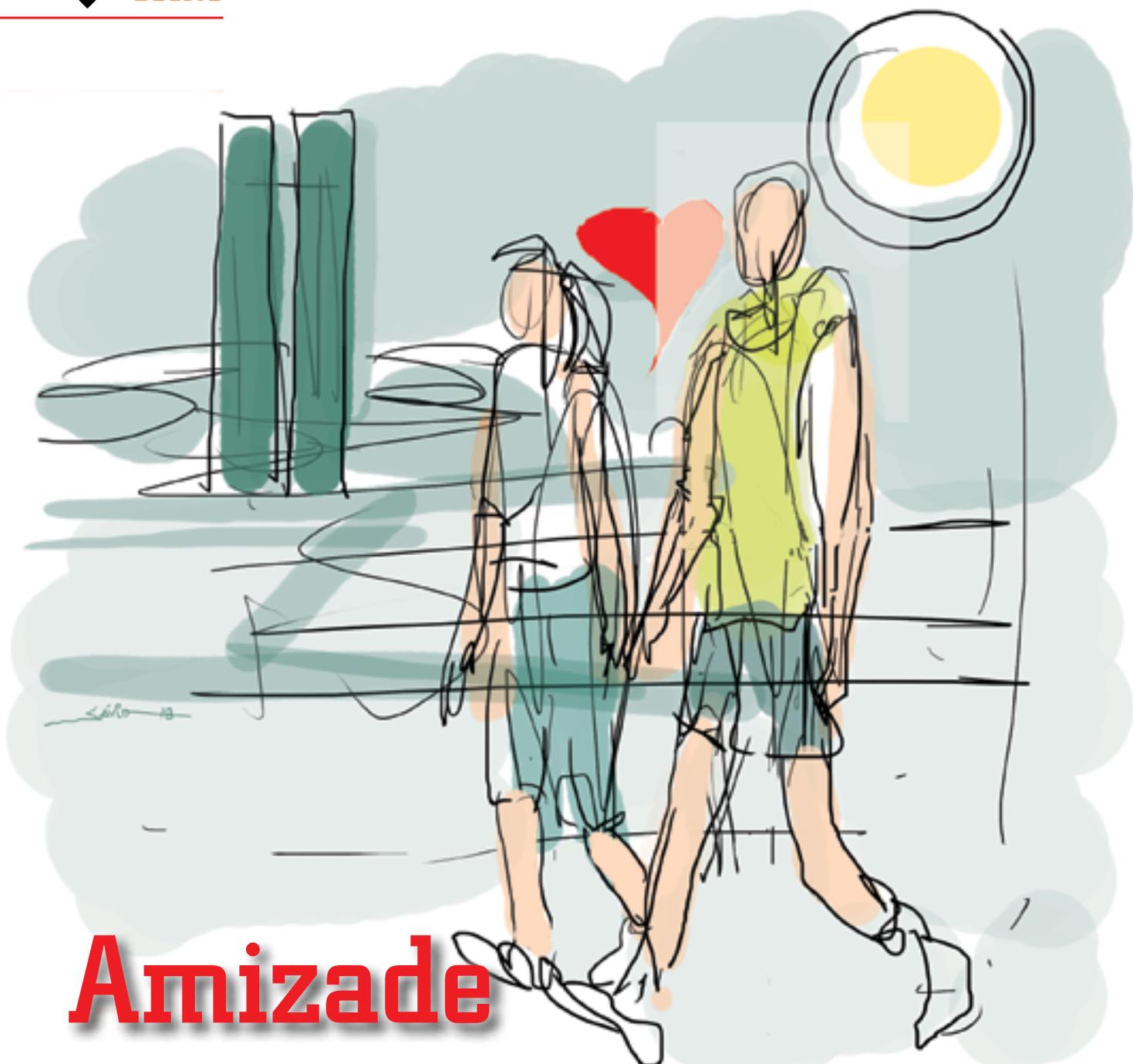
Em seguida, o sol sumiu e o tempo escureceu. E de volta a sua solidão, dr. Ever, parecia inclina-



do em retornar ao atordoamento inicial. Com algum esforço, logo se recuperou e a sensação de ânimo de minutos atrás começou a se esvaír quando tentou dar uma unidade às lembranças então reavivadas, mas os acontecimentos já não lhe pareciam fazer muito sentido e um tanto desolado recolheu-se aos seus aposentos.

Aos poucos, abatido por um instante de sonho e de ilusão e sentindo-se debilitado, física e espiritualmente, caiu lentamente no sono, do qual não mais retornou. E só lhe restariam as lágrimas comovidas da fiel acompanhante, graciosa herdeira dos generosos bens que lhes foram por ele legados. ◀

**Paulo Melo** é natural de João Pessoa (PB). Dirigiu a Divisão de Documentação e Cultura, o Teatro Santa Roza, o Departamento de Assuntos Culturais (órgãos da Secretaria de Cultura do Estado da Paraíba) e a Editora da UFPB. Participou de 11 filmes, sendo cinco como assistente de direção, um como produtor executivo, dois como co-roteirista e três como diretor de curtas-metragens. Foi supervisor geral das quatro primeiras edições do Festival de Arte de Areia.



# Amizade

**Emanuel Medeiros Vieira**  
Especial para o *Correio das Artes*

ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SÁVIO

**E**ra só amizade. Ela não tinha paixão por mim, eu também só a queria como amiga.

As pessoas não acreditam que isso possa existir.

Assim, não liberávamos os “baixos instintos”, como em certas estórias de “amor”: ciúme, raiva, posse, agressão etc.

Sempre caminhávamos.

Era uma manhã de sol pleno, maio, Planalto Central do país.

Alice tinha uns olhos “de verdade”. Seus interlocutores não a enganariam com facilidade.

E ela pegava na veia, ia direto ao ponto:

– “O que é pior: o câncer ou a tortura?”

A tortura.

– “Por quê?”

A tortura “fica” para sempre. O câncer, mesmo com reza brava, mata.

Ela parecia estar compadecida.

Eu temia cair na autopiedade.

Lembrei do que um cineasta dissera, quando indagado se acreditava no inferno “cristão”.

Ele não respondeu que o inferno era aqui mesmo.

Mas para ele, o inferno não existiria – seria apenas um mito.

*O inferno era a ansiedade e a depressão* – disse. ▶

▶ Alice complementou: *E a insônia.*

Eu iria dizer – mas pareceria pomposo: *e a injustiça.*

Mas a injustiça não era um inferno em si, mas uma espécie de “antivalor”.

– “Nas estórias, as pessoas dizem frases heroicas, retumbantes, na hora de morrer”, ela disse.

Eu olhei para ela, uns bonitos olhos azuis, alta, magra.

Complementou:

– “O que você diria?”

Repetiria mestre Machado de Assis no sexto capítulo do seu romance *Quincas Borba: Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.*

– “Você é um romântico confesso: não diria isso”, Alice riu.

*Espírito Santo, entra na minha vida*, reivindicava meu pai, e dizia que, durante a existência, eu deveria pedir o mesmo. Ele era autêntico.

Alice perguntou:

– “Entrou?” – o Espírito Santo.

Fingi que não tinha escutado a indagação.

*Espírito Santo, toca a minha vida.*

– “Tocou?”

*Espírito Santo, renova a minha vida.*

– “Renovou?”

Não fingi mais que não havia escutado.

Disse:

Talvez Ele tenha deixado para fazer tudo isso *na Hora Suprema.*

Eu driblara a morte algumas vezes, mas ela ganharia sempre: *tinha todo o tempo do mundo.*

– “Vão te chamar de pessimista...”

Eu já estou acostumado. Só escrevo o que o sinto. Não sou relações públicas nem marqueteiro.

Meu pai acreditava que o Bem iria vencer. Mas muitas vezes advertiu: *Não subestimes a força do mal, meu filho.*

Subestimamos. Quebramos a cara.

Eu falei: Alice, quando passo por jardins de infância, vendo crianças muito pequenas, fico pensando nelas – não agora, mas no futuro.

– *Você sempre procurou entender a genealogia do Mal*, ela disse.

– Por essa razão sempre li Dostoiévski, tentei brincar.



E pensei nesta gênese, através de Stavrogin – o personagem do escritor russo, em *Os Demônios.*

Seminal? Nihilista total. Ele era tão forte que não conseguia defini-lo.

Foi um personagem premonitório que “antecipou” a Revolução Russa?

Não saberia dizer.

– “Citas muito”, falou Alice.

– “Quem não te conhece, poderá dizer que és um ‘filósofo de boteco’”, complementou.

Eu iria dizer: *não ligo.* Mas me importava sim.

Ela percebeu o meu desconforto e tentou suavizar.

– “Essa *autenticidade* total é impossível”, Alice comentou.

– “Queres captar tudo, sentir tudo, como *uma esponja que tudo absorve*”.

Fiquei em silêncio.

– “Muitos poderão pensar que é mera erudição, em uma estória na qual nada acontece”, reforçou.

Simulei um sorriso – era mais uma careta.

Ela olhou para mim.

– “Ficaste chateado ou aborrecido?”

Não.

– “E depois de Dostoiévski,

buscaste entender a culpa sem sentido”.

Sim: gosto muito de Franz Kafka.

E busquei entender o pecado e a Graça – redenção – lendo o cristão Graham Greene.

*Mas na hora final, Alice, tentarei levar comigo a imagem de um berço, olhando, pedindo que alguma “força maior”, protegesse uma menina, ainda um bebê e, anos depois, um menino.*

Não ficaram comigo, *mas essa imagem ficará para sempre* – colocava música numa vitrola para eles, sim, rezava.

Ela agora é adulta, ele adolescente.

Iria falar em “perdas”, mas temi cair no sentimentalismo e no vitimismo.

Seria piegas se caísse na queixa.

Ela riu de novo, me beijou no rosto, nos despedimos, a manhã terminava, as crianças saíam da escola, cada um com suas vidas – era apenas mais um dia, um dia nas nossas existências – que passaria também, e não sei a razão, em casa, fiquei olhando – e contemplando mais – uma foto emoldurada dos meus pais mortos. ■

(Brasília, maio e junho de 2018)

O escritor e jornalista **Emanuel Medeiros Vieira** nasceu em Florianópolis (SC), em 31 de março de 1945. Residiu em Brasília e vive em Salvador (BA). É detentor de prêmios literários nacionais. Em 2010, seu romance *Olhos Azuis - Ao Sul do Efêmero* (Thesaurus Editora/FAC, 2009), recebeu o Prêmio Internacional de Literatura, outorgado pela União Brasileira de Escritores (UBE), sendo contemplado com o “Prêmio Lúcio Cardoso”, concedido para a melhor obra – segundo a entidade –, publicada no gênero, no Brasil, naquele ano.



# Faça parte do Sesc!



## Comerciário

- Comprovante de Residência
- Carteira de Trabalho
- RG e CPF
- PIS/PASEP
- Foto 3x4
- Cópia da GRF e GPS

## Dependente

- CTPS do Comerciário
- RG
- CPF (obrigatório a partir de 12 anos)
- Foto 3x4
- Certidão de Nascimento (Até 21 anos)
- Certidão de Casamento (Cônjuge)

## Conveniada

- Comprovante de Residência
- Declaração do Convênio
- RG e CPF
- Foto 3x4

## Usuário

- Comprovante de Residência
- RG e CPF
- Foto 3x4

VOCÊ SABIA QUE O **SESC** É UM DOS MAIORES PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL **DO MUNDO?**